



ANO 22 • Nº 240 • MARÇO • 2018



ESCOLA PARTICULAR

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

AUTISMO



**Interação social é o
melhor tratamento**



imprensa@sieesp.com.br

DIRETORIA

Presidente
Benjamin Ribeiro da Silva
Colégio Albert Einstein

1º Vice-presidente
José Augusto de Mattos Lourenço
Colégio São João Gualberto

2º Vice-presidente
Waldman Biolcati
Curso Cidade de Araçatuba

1º Tesoureiro
José Antônio Figueiredo Antório
Colégio Padre Anchieta

2º Tesoureiro
Antônio Batista Grosso
Colégio Átomo

1º Secretário
Itamar Heráclio Góes Silva
Educ Empreendimentos Educacionais

2º Secretário
Antônio Francisco dos Santos
Sistema Educacional São João

DIRETORES DE REGIONAIS

ABCDMR
Oswana M. F. Fameli - (11) 4437-1008

Araçatuba
Waldman Biolcati - (18) 3623-1168

Bauru
Gerson Trevizani - (14) 3227-8503 (in memoriam)

Campinas
Antonio F. dos Santos - (19) 3236-6333

Guarulhos
Wilson José Lourenço Júnior - (11) 4963-6842

Marília
Luiz Carlos Lopes - (14) 3413-2437

Ribeirão Preto
João A. A. Velloso - (16) 3610-0217

Osasco
José Antonio F. Antório - (11) 3681-4327

Presidente Prudente
Antonio Batista Grosso - (18) 3223-2510

Santos
Ermenegildo P. Miranda - (13) 3234-4349

São José dos Campos
Maria Helena Bitelli Baeza Sezaetto - (12) 3931-0086

São José do Rio Preto
Cenira Blanco Fernandes Lujan - (17) 3222-6545

Sorocaba
Edgar Delbem - (15) 3231-8459

MARÇO DE 2018 - Edição 240

Editora
Gisele Carmona - MTB 0085361/SP

Repórteres
• Gisele Carmona
• Ygor Jegorow

Assessoria de Imprensa e Produção Editorial
Editora-chefe: Gisele Carmona
Editor gráfico: Balduino Ferreira Leite
Redes Sociais: Ygor Jegorow
Impressão: DuoGraf

Colaboradores
• Ana Paula Saab • Antonio Higa
• Carlos Alberto Nonino
• Clemente de Sousa Lemes
• Ivaci de Oliveira • Jocelin de Oliveira
• José Maria Tomazela • José Rodrigues
• Ulisses de Souza

www.sieesp.com.br
Rua Benedito Fernandes, 107 - São Paulo - SP
CEP 04746-110 - (11) 5583-5500

Os artigos assinados nesta publicação são de inteira responsabilidade dos autores.

4

Matéria de Capa

Interação social é o melhor tratamento

12

Imposto de Renda

Declaração do Imposto de Renda Pessoa Física 2018 - Prepare seus documentos

36

Valores

Diversidade: compromisso pedagógico da escola

38

Inclusão

O orientador educacional e a inclusão

16

Docente

Ensinar conteúdos ou desenvolver competências?

40

Entrevista

O que motiva os ataques de bullying e cyberbullying?

18

Bett Educar

Macrotendências na educação de hoje

44

Igualdade

Síndrome de Down

20

História

História regional: memórias, cultura e sociedade

46

Formação

Escolas que educam com valores agregam mais que cultura à vida dos estudantes

24

Música

...Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça, ou doente do pé...

48

Educação Infantil

Trabalhando as competências emocionais

26

Crítica

Crise amarga

50

Desafio Virtual

Jogo da asfixia, "brincadeiras" que matam

30

Aprendizagem

Conhecendo as Neurociências, suas aplicabilidades na Educação Inclusiva no cotidiano escolar

52

Obrigações

34

Neuroaprendizagem

Neuroaprendizagem - estratégias de leitura e escrita

54

Cursos



**Benjamin
Ribeiro da Silva**

Presidente do Sieceesp

benjamin@einstein24h.com.br

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Os atos de violência dentro das escolas públicas aumentaram de maneira assustadora. Dados da Secretaria da Educação indicam que, dentro da rede estadual, os casos de agressão subiram de 188 em 2015 para 249 em 2016.

Conseguimos acompanhar, em partes, a violência que acontece dentro das escolas pelo destaque que alguns casos ganham na mídia. São questões que envolvem o fechamento de instituições devido a toques de recolher, agressões e assassinatos envolvendo alunos e professores, além, é claro, do famoso *bullying*. Isso sem contar aqueles que são obrigados a conviver com a posse ilegal de armas e o tráfico de drogas em um ambiente que deveria ser exclusivamente para o desenvolvimento do conhecimento e a preparação para um futuro melhor.

A segurança nas escolas particulares é motivo de grande preocupação do Sieceesp

Inclusive, recentemente foram divulgados casos de escolas no Rio de Janeiro que tiveram que suspender suas aulas devido aos episódios de violência nas localizações onde estão instaladas, como meio de proteger seus alunos.

Embora muitos especialistas tentem encontrar explicações para a violência dentro das escolas, é importante lembrar que existem muitas questões que devem ser analisadas, como a quebra de disciplina e autoridade – que deve sempre começar em casa –, a desestruturação da família, as carências sociais, a falta de perspectiva profissional para os jovens, o

dinheiro oferecido pelo mundo das drogas e do tráfico e a cultura da violência.

E, por esse motivo, **a segurança nas escolas particulares é motivo de grande preocupação do Sieceesp (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo)**, entidade que dirige e que representa, atualmente, mais de dez mil escolas paulistas. Estamos sempre procurando ajudar e orientar seus mantenedores a manter o bom trabalho com a segurança dos alunos e garantir que esse seja um local agradável, de aprendizado e estudos, para que a construção do futuro seja garantida e que a educação não seja prejudicada.



AUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMO

AUTISMO

Ygor Jegerow



Interação social é o melhor tratamento

Atualmente vemos na mídia assuntos que, até pouco tempo, não eram tão comentados. Como, por exemplo, temos alguns distúrbios de aprendizagem que eram conhecidos apenas no ramo acadêmico e da saúde e que, agora, são mais divulgados em reportagens, assim como em novelas e no cinema.

O autismo, também conhecido como Transtornos do Espectro Autista (TEA), tem como maior características os problemas no desenvolvimento da linguagem, nos processos de comunicação, na interação e no comportamento social da criança.

A palavra autismo foi criada pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1912, e era descrita como um dos sintomas da esquizofrenia, sendo considerada uma fuga da realidade. O termo origina-se a partir do grego AUTO-, “referente a si mesmo”, mais o sufixo -ISMOS, indicando ação ou estado. Tem referência ao principal sintoma do transtorno, que é a escassa in-

teração da pessoa com outras. O autismo foi descrito pela primeira vez em um artigo publicado pelo médico austríaco Leo Kanner, em 1943.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo possuem algum tipo de autismo. Ao todo são três tipos diferentes do transtorno: Síndrome de Asperger; Transtorno Invasivo do Desenvolvimento e Transtorno Autista. O autismo atinge ambos os sexos e todas as etnias, porém o número de ocorrências é maior entre o sexo masculino (cerca de quatro vezes mais), segundo pesquisa do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

A síndrome afeta o processamento de informações no cérebro e altera a forma como as células nervosas e suas sinapses se conectam e se organizam.

Infelizmente, o desenvolvimento desse processo ainda não é bem compreendido. Apesar do grande número de pesquisas e investigações clínicas realizadas em diferentes áreas e abordagens de

AUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMOAUTISMO

O autismo foi descrito pela primeira vez em um artigo publicado pelo médico austríaco Leo Kanner, em 1943

trabalho, não se pode dizer que o autismo é um transtorno claramente definido. Há correntes teóricas que apontam as alterações comportamentais nos primeiros anos de vida (normalmente até os três anos) como relevantes para definir o transtorno.

Segundo pesquisas, há uma causa comum genética, cognitiva e de níveis neurais para os três sintomas, característica do autismo. No entanto, há a suspeita crescente de que o autismo é um distúrbio mais complexo cujos aspectos centrais têm causas distintas.

O autismo não tem cura e, embora suas causas ainda sejam incertas para os médicos, o paciente pode ser trabalhado, reabilitado e tratado para que possa se adequar ao convívio social e às atividades acadêmicas o melhor possível.

Especialistas afirmam que quanto antes o autismo for diagnosticado, melhor, pois o transtorno não atinge apenas a vida do indivíduo, mas também a de todo o âmbito familiar. Em muitos casos seus res-

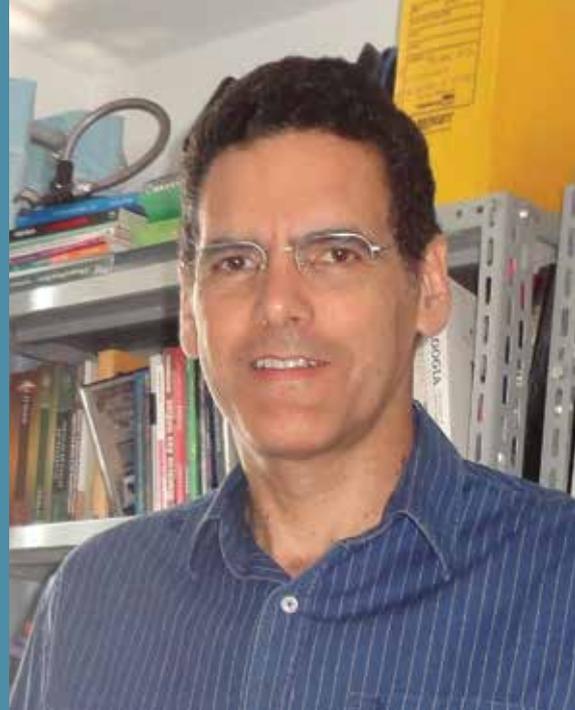
ponsáveis acabam se sentindo incapazes de encarar a situação.

Nessa reportagem serão abordadas situações como: a interferência na capacidade de aprendizado de um estudante com o transtorno, quais atividades podem ser aplicadas na escola, as propostas pedagógicas mais adequadas para a criança e o adolescente com autismo, as expectativas que os professores podem ter em relação ao desenvolvimento do aluno e o que mudou após a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Na primeira parte do material, conversamos com Eugênio Cunha, psicopedagogo e doutor em educação, para que ele nos ajude no esclarecimento de algumas dúvidas.

O especialista, que trabalha com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e autismo, também é coordenador de eventos da Clínica-Escola do Autista, situada em Itaboraí (RJ), a primeira no Brasil especializada em dar atendimento multiprofissional ao autista, visando a sua inclusão escolar e social.

Acompanhe: ▶



Eugênio Cunha

Autor de diversos livros sobre autismo e inclusão publicados pela Wak Editora. Entre eles: “Autismo na Escola - um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar” e “Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade”.

Se a escola tem uma filosofia inclusiva, ela poderá adaptar muitas atividades a partir do educando incluído para que todos os alunos façam juntos

à família e à escola regular em que ele estuda, quando estuda, oferecendo apoio multiprofissional. Este é um exemplo de um trabalho efetivamente inclusivo.

EP - O que mudou após a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – 13.146/15?

EC - A lei estabelece, dentre muitas coisas, que os sistemas educacionais devem garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena. Para a pessoa com TEA, talvez a maior mudança esteja

Escola Particular - O que é o autismo?
Eugênio Cunha - O autismo é um transtorno de causas ainda não totalmente conhecidas, mas com grande influência genética, que compreende dificuldades na comunicação, na interação social e um padrão comportamental restrito e repetitivo. O grau de comprometimento é bem variável: leve, moderado ou grave, com sintomas bem diferentes, mesmo em pessoas que tenham o mesmo nível de comprometimento.

EP - Quais os principais sintomas? Aparecem em qual idade?

EC - Dificuldades de compreender símbolos de linguagem e códigos sociais, dificuldades de interagir com as pessoas, estereotípias e, em alguns casos, a deficiência intelectual. Há alguns sinais que podem ser percebidos desde cedo: isolamento social, ausência de contato visual, resistência à mudança de rotina, manuseio não apropriado de objetos, transtorno de processamento sensorial e movimento circulares no corpo.

É mais comum identificarmos o autismo por volta dos três anos de idade, principalmente quando a criança está na escola e as diferenças comportamentais ou dificuldade de socialização são mais bem percebidas. Mas é comum identificar sinais de autismo precocemente, quando, por exemplo, o bebê não faz contato com os olhos, não sorri, chora muito, não balucia palavras e não aponta.

EP - Como o autismo interfere na capacidade de aprendizado de um estudante?

EC - Primeiramente em razão da tríade: comunicação, interação e rigidez de pensamento. A escola é um espaço essencialmente social de comunicação e interação. Mas não é somente no espaço escolar que surgem as dificuldades, porque o aprendiz com autismo cria formas próprias de relacionamento. Em consequência do convívio, todos nós adquirimos uma mente social, que nos possibilita fazer conexões apropriadas com o mundo ao redor. Todavia, na conduta autística, é comum a fixação demasiada em detalhes específicos, percebidos menos em razão do conhecimento social e mais por causa do estímulo que o indivíduo recebe de determinado objeto ou situação. Isto provoca comportamentos peculiares. Assim, a pessoa passa a ter uma relação singular com tudo que é externo, dificultando também a aprendizagem.

EP - Como lidar com o aluno autista?

EC - A educação nas escolas inclusivas, independentemente do grau de severidade do autismo, deve ser vivenciada na

sala de recursos e na sala do ensino comum com todos os alunos, favorecendo a socialização, porque incluir é aprender junto. É preciso estabelecer um plano de ensino em conjunto com a família. Muitas vezes, a elaboração de uma rotina em casa articulada com uma rotina na escola é um caminho para ajudar o autista a autorregular-se e a inserir-se no espaço escolar. As práticas de ensino devem ter predicados da ludicidade. Independentemente da idade, do nível de ensino ou do grau de comprometimento, o espaço escolar deve favorecer o prazer em aprender. Na verdade, quando há prazer no processo de aprendizagem há ludicidade. Não importa a atividade que realizamos. O lúdico significa fazer por gosto, dar gosto ao que se faz também por rotina. Nele, se encontra um componente essencial na educação: o afeto.

EP - Quais expectativas que os professores podem ter em relação ao desenvolvimento do aluno?

EC - O aluno autista aprende, pois a aprendizagem é característica do ser humano. Mas é necessário estabelecer vínculos com situações concretas da escola. Vínculos, principalmente, com a condição discente. Educar o aprendiz com autismo é constituir uma relação dialógica que pressupõe um jeito diferente de aprender e, como consequência, um jeito diferente de ensinar.

EP - Quais atividades podem ser aplicadas na escola?

EC - Vai depender do grau do autismo. Se o aluno estuda numa escola regular, ele terá que fazer, na medida do possível, as mesmas atividades que seus colegas de turma fazem. De um modo geral, se a escola tem uma filosofia inclusiva, ela poderá adaptar muitas atividades a partir do educando incluído para que todos os alunos façam juntos. Há sempre boa receptividade em atividades com livros, tecnologias digitais, artes e matemática ligada ao concreto.

EP - Você é a favor de alunos autistas estudarem em escolas regulares?

EC - O autismo é uma síndrome com sintomas bem diferentes em cada indivíduo. Então, dependendo dos comprometimentos, é totalmente possível e até natural que alunos com autismo estudem em classes comuns, mesmo começando por uma classe especial. Não somente isso, mas que cheguem à universidade.

Eu sou coordenador da Clínica-Escola do Autista, em Itaboraí, a primeira clínica-escola pública para autistas no Brasil. Nós atendemos o autista, ampliando as ações



EDUXE: A SOLUÇÃO QUE
SUA INSTITUIÇÃO DE
ENSINO PRECISA PARA
GARANTIR **ORGANIZAÇÃO,**
INTEGRAÇÃO E
PRODUTIVIDADE NA
VOLTA ÀS AULAS



Nessa volta às aulas, você precisa de mais desempenho nas rotinas produtivas da escola, certo? Entre as muitas funções que o gestor e sua equipe precisam desempenhar para que a instituição inicie este novo ciclo, o malabarismo entre soluções informatizadas de gestão não precisa ser uma delas. Confie em uma ferramenta integrada, que conecta cada área de sua escola em um todo coeso e inteligente, garantindo mais produtividade e menos perda de tempo. Confie na Eduxe.

Nosso software de gestão escolar é a solução ideal para sua instituição de ensino, porque é pensado para otimizar e integrar cada área em um único sistema, com eficiência e segurança.

Acesse nossas redes sociais:

📌 [quality.eduxe](https://www.facebook.com/quality.eduxe)
📷 [@eduxe.oficial](https://www.instagram.com/eduxe.oficial)

+55 11 5632.3666
relacionamento@eduxe.com.br

Conheça mais funcionalidades em
www.eduxe.com.br



no fato de que a lei proíbe a cobrança de valores adicionais de qualquer natureza nas mensalidades escolares. Cobrança adicional era comum nos casos de autismo, já que a Lei 12.764/12 (Lei do Autismo) determina que em casos de comprovada necessidade, a pessoa com o transtorno, incluída nas classes do ensino regular, tem direito a acompanhante especializado e o custo dessa mediação geralmente ficava por conta da família.

EP - Que conselho daria para o professor que, com um conhecimento mínimo do distúrbio, acaba por ser surpreendido com um autista entre seus alunos?

EC - Não desistir, procurar informação e formação. Além de bons cursos de especialização, há livros que falam sobre o assunto e orientam o professor. Acima de tudo, acredite no seu potencial e acredite também no potencial do seu aluno. Para além de qualquer condição decorrente do autismo está a condição humana da criança, seus atributos e natureza de aprendente. Para além das nossas atribuições de ensinante, também está a nossa capacidade de educar pelo exemplo e amor.

Embora o transtorno tenha diferentes níveis de gravidade, já é sabido que o aluno com autismo não está desprovido da sua condição de aprendente no espaço escolar. Todavia, é fundamental que a educação dele seja centrada prioritariamente no ser humano e não na patologia. Por isso também é fundamental se ter um currículo que extrapole as concepções de déficit e torne a prática pedagógica rica em experiências educativas, com o objetivo de transformar as necessidades do autista em amor pelo movimento de aprender e de construir, na intenção de lhe conceder autonomia e identidade.



Na segunda parte da matéria, conversamos com a pedagoga, mestre e doutora em educação, Sílvia Ester Orrú.

Escola Particular - Os sintomas aparecem em qual idade?

Sílvia Orrú - O quadro sintomático do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) costuma ser mais perceptível entre os dois e três anos de idade por conta das maiores dificuldades na área da interação social e linguagem. No entanto, sabe-se que é possível perceber a presença do espectro antes dessa idade. Também há casos descritos na literatura de um diagnóstico mais tardio. O mais importante é consultar um médico de confiança e com experiência junto ao TEA, visto que nem todos se encontram

qualificados para o diagnóstico e tratamento de qualidade à criança, adolescente, jovem ou adulto com autismo.

EP - Como lidar com o aluno com autismo?

SO - Primeiramente, deve-se ter em mente que antes de qualquer coisa, de qualquer diagnóstico, o aprendiz com autismo é um ser humano com suas singularidades, peculiaridades, preferências, dificuldades e habilidades. O diagnóstico não define quem é o aprendiz com autismo, não pode padronizar ações terapêuticas, médicas ou pedagógicas. Não somente o professor, mas toda a comunidade escolar deve procurar conhecer quem é esse aprendiz, aquilo que lhe dá prazer, aquilo que ele não gosta de fazer, as melhores formas de se comunicar com ele. Mesmo que a escola tenha 10 alunos com autismo, nenhum é igual ao outro. Todos são diferentes e devem ser respeitados em suas diferenças como qualquer outro aluno. Promover oportunidades diversas de demonstrar o que deseja, o que o angustia, bem como recursos distintos para que esse aprendiz possa se expressar, é o caminho para uma convivência e educação com qualidade.

EP - Quais as propostas pedagógicas mais adequadas para a criança e o adolescente com autismo?

SO - O ensino tradicional fundamentado em memorização, repetição e fixação não é bom para ninguém! O ensino conteudista e a tendência em ranquear desempenhos é algo a ser superado nesta geração, uma vez que ele é excludente. Neste sentido, é muito importante que a escola dê atenção para o eixo de interesse do aluno com TEA. O professor e a família devem ter sensibilidade e estarem aplicados às manifestações de interesse e habilidades do aluno.

A partir do trabalho com projetos pedagógicos que valorizem o eixo de interesse do aprendiz, será possível a conexão com os diversos domínios de conhecimento, o que favorecerá sua aprendizagem. Por exemplo: se o aluno tem um interesse acentuado sobre dinossauros, é possível fazer uso dessa temática com ele e com outros coleguinhas em pequenos grupos e, deste modo, aprender matemática, história, geografia, artes, etc., em uma proposta pedagógica agregadora de possibilidades e sem um viés fragmentado como acontece quando o conteudismo entra em foco.

Todas as pessoas são diferentes e, por isso, aprendem de formas diferentes e com recursos diferentes. Compreender que atividades de desenho, pintura e mús-

Toda a comunidade escolar deve procurar conhecer quem é esse aprendiz, aquilo que lhe dá prazer, aquilo que ele não gosta de fazer, as melhores formas de se comunicar com ele

ca podem ser um caminho exitoso para o aprendizado dos mais diversos saberes, faz parte de uma educação inovadora e inclusiva tão necessária aos aprendizes do século XXI. Importante saber que aqueles com diagnóstico de TEA severo, também podem aprender e se desenvolver, eles também têm seus interesses que podem se transformar em um canal de comunicação e expressão, tal como é descrito na literatura a partir de relatos de jovens e adultos com TEA.

Recursos alinhados à tecnologia assistiva também devem ser incorporados ao cotidiano do aprendiz, sempre a partir de suas próprias demandas. É preciso que a escola e a família sejam parceiras para juntas construirmos as melhores estratégias para o processo de aprendizagem do aluno em uma perspectiva inclusiva.

Também é desejável que a escola construa redes solidárias e cooperativas junto a todos os aprendizes. De maneira que os alunos compreendam que seu colega com autismo poderá se desenvolver ainda melhor se for bem acolhido, se for respeitado, ajudado quando for necessário. Compreender que, às vezes, o barulho excessivo pode comprometer sua atenção e o deixar estressado e que por isso, muitas vezes, é preciso falar mais baixo. Redes solidárias e cooperativas que construam valores e princípios com toda a comunidade escolar para ações contundentes contra bullying e violência na escola, de forma que não seja permitido o desdenhar do aprendiz com TEA.

Escolas pseudo-inclusivas não favorecem essa gama de possibilidades de aprendizagem. Pelo contrário, aceitam a matrícula do aluno para evitarem conflitos com a justiça, contudo, isolam, segregam e deixam

de lado o aluno com um monitor, em um canto da escola. Isso é exclusão dentro de um espaço que deve ser de acolhimento a todos os alunos, tanto em escolas públicas ou privadas. Essas ações excludentes devem ser denunciadas e repudiadas.

EP - Quais as expectativas que os professores podem ter em relação ao desenvolvimento do aluno?

SO - A escola ainda perpetua o conservadorismo excludente e investe mais nos alunos que se formatam as suas expectativas. Que outras expectativas devemos ter a não ser a certeza de que todos aprendem? O que realmente interessa não é aprender o que a escola ou a Secretaria da Educação consideram como sendo mais importante. Muito menos esperar que todos consigam aprender em um mesmo ritmo ou período aquilo que foi selecionado para ser ensinado em um trimestre.

Quem de nós conseguiu fazer, durante todos os anos escolares e universitários, essa façanha? Quem de nós apreendeu todos os conteúdos ensinados por todos os nossos professores? Quem de nós deu conta de tudo? De igual maneira, devemos ter a clareza que aprender é uma capacidade do ser humano. Cada

um aprenderá a partir de suas possibilidades, potencialidades, habilidades. Certamente, a aprendizagem a partir do eixo de interesse poderá lhe ser mais prazerosa e essa é uma expectativa que podemos nutrir. Contudo, tecer expectativas sobre o outro, seja ele um aluno com ou sem autismo, não é algo muito proveitoso. Devemos sim, é incentivar e favorecer todas as maneiras possíveis para que este aprendiz construa seus conhecimentos da melhor forma possível, sem discriminação, padronização, punição ou segregação.

A melhor expectativa que um professor pode ter em relação ao seu aluno com autismo e com relação a todos os demais alunos é saber que à medida que ele aprende algo novo, ele se desenvolve e saber que o educador tem tremenda relevância nesse processo.

EP - Existem avanços dos estudos científicos sobre o transtorno?

SO - A todo o tempo estudos e pesquisas são realizadas sobre o TEA. Ainda se sabe muito pouco sobre essa singularidade. O TEA não é uma doença, e por isso, não há que se falar em cura. Talvez, sobre algumas circunstâncias, pode-se falar de prevenção, ainda assim, o assunto é ▶



Sílvia Orrú

Autora do livro *Autismo, Linguagem e Educação: Interação Social no Cotidiano Escolar*, publicado pela Wak Editora.

www.ccfmadvocacia.com.br

ASSESSORIA JURÍDICA ESPECIALIZADA E MAIS DE 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA.



Você sabia que é indevida a inclusão do ISS para o cálculo do PIS e da COFINS do seu faturamento?

Este é o entendimento recente dos tribunais, sendo possível reaver os montantes recolhidos indevidamente nos últimos 05 anos.

Entre em contato conosco, contamos com uma equipe de advogados especializados no assunto.

Áreas de atuação:
Tributário | Cível | Trabalhista | Empresarial | Terceiro Setor

30 ANOS CCFM Celso Carlos Fernandes e Melo
advocacia

11 3513-5080 Rua Voluntários da Pátria, 1088 2º andar - Santana - SP - advocacia@ccfmadvocacia.com.br  ccfmadvocacia



nebuloso. Sabe-se que a etiologia do TEA é múltipla e não há muito consenso sobre isto, uma vez que as hipóteses causais se ramificam a partir das correntes teóricas existentes. Tratamentos medicamentosos e terapêuticos são disseminados por todo o planeta. Indagações sobre o aumento significativo de casos de TEA tem chamado à atenção de muitos estudiosos dos cinco continentes.

Com relação à educação em uma perspectiva inclusiva, podemos dizer que tivemos um aumento significativo de estudos e pesquisas em nível de graduação como pós-graduação *stricto sensu*, destinados ao processo de ensinar e aprender junto ao aluno com autismo.

Alguns anos passados se falavam apenas em abordagem comportamental, no contexto da educação especial ofertada em instituições especializadas e classes especiais, para o trabalho pedagógico com esses alunos. Atualmente, a abordagem interacionista com ênfase na interação social e na convivência em espaços de aprendizagem não excludentes tem ganhado força. Não é uma transformação que ocorre tranquilamente na escola, uma vez que os mecanismos de exclusão ainda estão alastrados em nossa cultura. Todavia, crianças/adolescentes e seus familiares estão, mesmo que aos poucos, convivendo com as crianças/adolescentes com

autismo e seus familiares. Essa convivência e construção de outros princípios, que valorizam a diferença ao invés de estigmatizá-la, vai nos humanizando e, assim, ao compasso que vamos permitindo profundas reflexões e transformações em nossa maneira de conceber e compreender o outro, também vamos transformando os espaços sociais em que vivemos, inclusive, a escola.

A educação inclusiva é um benefício para toda a comunidade de aprendizagem e não somente aos aprendizes com autismo. Essa conclusão também é resultado de estudos e pesquisas desenvolvidas acerca do Transtorno do Espectro do Autismo. ●

Uma história real



freepik.com

As professoras foram as primeiras a notar algo diferente no comportamento de Miguel*, já a partir do primeiro ano de vida. Numa conversa com seus pais, Sérgio e Maria*, elas explicaram que a criança não interagiu muito com os colegas e isolava-se com frequência. A experiência com as outras crianças fizeram com que as professoras tivessem um olhar mais apurado ao comportamento do pequeno.

A partir daí seus pais procuraram uma psiquiatra que achou que seria muito cedo estabelecer um diagnóstico e encaminhou Miguel a um psicólogo, neurologista e a uma fonoaudióloga, pois ele apresentava um atraso na aprendizagem da fala, um dos principais sintomas do autismo. “No começo, a gente quer se enganar acreditando que não tem nada de diferente com o ele, mas com o tempo fomos vendo que procurar informações logo no começo ajudaria no tratamento” diz Sérgio.

Hoje, aos quatro anos de idade, a criança passa por um neurologista a cada dois meses e faz vários exames. Tem sessões de fonoaudiologia uma vez na semana e também passa com uma psicóloga especialista em autismo. Miguel faz acompanhamento no CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) onde faz parte de um grupo junto com outras crianças que também tem autismo e outros transtornos como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). O grupo possui psicólogas que ajudam na interação. Sérgio diz que o tratamento consiste em estimular e fazer com que seu filho interaja com outras crianças, por isso ele pensa em mantê-lo numa escola regular quando começar a cursar o 1º ano do ensino fundamental, para que possa continuar interagindo e se desenvolvendo normalmente. O pai conta

que seu filho gosta de ir para a escola e de interagir com as outras crianças. A diretora da escola, inclusive, recomendou aos pais colocá-lo numa escola comum, porque até lá ele estará falando e interagindo melhor e será capaz de seguir uma vida normal, apesar de algumas dificuldades. “Ele ainda tem mais dois anos de pré-escola para completar até que atinja a idade para entrar no 1º ano, mas a diretora da escola já nos aconselhou a colocarmos Miguel numa escola comum”. A criança hoje está numa escola regular. Na turma dele há dois colegas que também possuem autismo, mas são casos mais delicados, pois o grau é mais atenuado.

Ele explica que, ainda sim, não há um diagnóstico confirmado se Miguel é autista, pois só a partir dos quatro anos de idade que pode-se confirmar se a criança tem ou não a síndrome.

Sérgio ainda pretende procurar uma segunda opinião de um neurologista para saber se o diagnóstico de autismo será confirmado.

Ele diz que embora haja vários desafios a seguir, o preconceito infelizmente é o pior deles. “As pessoas o veem na rua e não entendem. Às vezes, em lugares públicos, como no supermercado ou em festinhas dos colegas, ele está isolado ou brincando sozinho e muitas pessoas fazem cara feia, acham estranho o comportamento dele, olham com curiosidade, questionam o fato dele ainda não falar, chegando até mesmo a fazerem comentários ofensivos, como se o que ele tivesse fosse algo mais grave. Pessoas que não sabem o que é e acabam fazendo pré-julgamentos errados. Mas espero que com o tempo a informação seja levada até todos e isso mude”, desabafa o pai.

*Os nomes são fictícios, para proteger a identidade da criança.

SUA INSTITUIÇÃO PRECISA DE UMA SOLUÇÃO INTEGRADA PARA O CONTROLE DOS PROCESSOS DE COMPRAS? CONTE COM O ADVICE POS.

Conheça tudo o que o Advice POS pode fazer por você e tenha a gestão da sua Instituição de Ensino na palma da sua mão.

Controlar o sistema de compras de sua instituição fica muito mais ágil e eficaz com o Advice POS, com integração on-line de entrada no estoque e lançamento no contas a pagar.

Veja alguns benefícios:

- Solicitação de compras;
- Aprovação do pedido para cotação;
- Cotação centralizada por item, facilitando a negociação junto ao fornecedor;
- Cálculo e análise da melhor cotação;
- Pedido de compra automático com base na aprovação da cotação;
- Entrada da Nota Fiscal integrada com o estoque e contas a pagar.

Você ainda conta com:

- Gestão acadêmica e pedagógica
- Gestão orçamentária e financeira
- Captação de alunos
- Controle de indicadores
- Solução Quadro Horário
- Planejamento escolar
- Entre outros

Com o Advice POS você terá muito mais tempo para aquilo que realmente importa: a captação, a manutenção e o cuidado com os seus alunos.

Agende uma visita:

11 3513-5075

www.advicesystem.com.br

comercial@advicesystem.com.br

 [advicesystem](https://www.facebook.com/advicesystem)



ADVICE
S Y S T E M
Education Software House



Declaração do Imposto de Renda Pessoa Física 2018:

Prepare seus documentos

Esse ano, a entrega da Declaração de Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF), referente ao ano-calendário 2017, terá início no dia 02 de março. Obrigatoriamente, as declarações deverão ser elaboradas através do Programa Gerador da Declaração, disponível no site da Receita Federal do Brasil - www.receita.fazenda.gov.br, e deverão ser entregues pela internet através do Programa Receitanet até às 23h59min59s (horário de Brasília) do dia 30 de abril de 2018.

Obrigatoriedade de apresentação da declaração

Está obrigada a apresentar a Declaração de Ajuste Anual do Imposto sobre a Renda referente ao exercício de 2018, a pessoa física residente no Brasil que, no ano-calendário de 2017:

- Obtiveram rendimentos tributáveis acima de R\$ 28.559,70;
- Receberam rendimentos isentos, não tributáveis ou tributos exclusivamente na fonte acima de R\$ 40.000,00;
- Obtiveram, em qualquer mês do ano-calendário, ganho de capital na alienação de bens ou direitos sujeitos à incidência do Imposto de Renda;
- Obtiveram renda bruta da atividade rural acima de R\$ 142.798,50;
- Tiveram patrimônio superior a R\$ 300.000,00;
- Realizaram operações em bolsa de valores, de mercadorias, de futuro e assemelhadas;
- Passaram à condição de residente no Brasil;
- Optaram pela isenção do Imposto de Renda incidente sobre o ganho de capital auferido na venda de imóveis residenciais cujo produto da venda seja destinado à aplicação na aquisição de imóveis residenciais localizados no País, no prazo de 180 dias contados da celebração do contrato de venda.

Multa por atraso na entrega

A multa pela não entrega ou atraso da declaração é de 1% ao mês-calendário ou fração de atraso, incidente sobre o imposto devido, limitado a 20% desse imposto, observado o valor mínimo de R\$ 165,74.

Malha fiscal: atenção para os cruzamentos efetuados pelo fisco

Ao elaborar a declaração é importante ter em mente que a cada dia, o fisco aumenta seu poder de fiscalização através do cruzamento de informações da Secretaria da Receita Federal, inclusive com os benefícios concedidos (redução de IPVA, IPTU, etc.), além dos convênios existentes com os Estados e Municípios.

Esse cruzamento se faz com base nos dados coletados nas declarações apresentadas pelos contribuintes, que são comparados com outras informações obtidas direta ou indiretamente de diversos agentes econômicos, tais como: valores de rendimentos dos empregados e do imposto de renda retido na fonte fornecida pelas empresas, arrecadação do carnê-leão fornecida pelos bancos, valores de aluguéis informados por imobiliárias, entre outros.

Veja a seguir a lista com as declarações utilizadas para o cruzamento de dados:

- **DIRPF** – Declaração do Imposto de Renda Pessoa Física: Declaração a ser en-

tregue pelas pessoas físicas, contendo seus rendimentos tributáveis, isentos, sujeitos à tributação exclusiva, bens, ganho de capital, atividade rural, dívidas, etc.;

- **CBE** – Capitais Brasileiros no Exterior: Declaração para residentes no País, detentores de ativos (participação no capital de empresas, títulos de renda fixa, ações, depósitos, imóveis, dentre outros) contra não residentes, que totalizem montante igual ou superior ao equivalente a US\$100.000,00 (cem mil dólares dos Estados Unidos) no último dia de cada ano;

- **SPED** – Sistema Público de Escrituração Digital: é um avanço na informatização da relação entre o fisco e os contribuintes, consiste no cumprimento das obrigações acessórias em que as Pessoas Jurídicas estão obrigadas, atualmente possui 12 módulos. Entre os principais módulos estão: ECD – Escrituração Contábil Digital: tem por finalidade a substituição da escrituração em papel pela escrituração digital dos livros: Diário; Razão; Balancetes; e auxiliares “se houver”; ECF – Escrituração Contábil Fiscal, substituiu a DIPJ – Decla-



ração de Informações Econômico-Fiscais da Pessoa Jurídica; NFC-e – Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica, é um documento de existência apenas digital, emitido e armazenado eletronicamente, com o intuito de documentar as operações comerciais de venda presencial ou venda para entrega em domicílio a consumidor final (pessoa física ou jurídica); NFS-e – Nota Fiscal de Serviços Eletrônica, é um documento de existência digital, gerado e armazenado eletronicamente em Ambiente Nacional pela Receita Federal do Brasil – RFB, pela prefeitura ou entidade conveniada, para documentar as operações de prestação de serviços; E-financeira – possui um conjunto de arquivos digitais referentes a cadastro, abertura, fechamento e auxiliares, relativos as operações financeiras; eSocial – é a unificação das informações referentes à escrituração das obrigações fiscais, previdenciárias e trabalhistas;

• **DECRED** – Declaração de Operações com Cartão de Crédito: Declaração a ser entregue pelas instituições emissoras de cartão de crédito e às instituições responsáveis pela administração da rede de estabelecimentos credenciados e pela

captura e transmissão das transações dos cartões de crédito;

• **DIMOB** – Declaração de Informações sobre Atividades Imobiliárias: Declaração a ser entregue pelas pessoas jurídicas e equiparadas que comercializarem imóveis que houverem construído, loteado ou incorporado para esse fim; que intermediarem aquisição, alienação ou aluguel de imóveis; que realizarem sublocação de imóveis; constituídas para a construção, administração, locação ou alienação do patrimônio próprio de seus condôminos ou sócios;

• **DIMOF** – Declaração de Informações sobre Movimentação Financeira: Declaração a ser entregue pelas instituições financeiras e entidades a elas equiparadas para prestar informações sobre as operações financeiras efetuadas pelos usuários de seus serviços;

• **DEFIS** – Declaração de Informações Socioeconômicas e Fiscais: Declaração anual obrigatória a ser entregue pelas empresas enquadradas no Simples Nacional;

• **DIRF** – Declaração do Imposto de Renda Retido na Fonte: Declaração a ser en-

tregue pelas Fontes Pagadoras, contendo os valores do Imposto de Renda Retido na Fonte, dos rendimentos pagos ou creditados para seus beneficiários;

• **DITR** – Declaração do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural: Declaração a ser entregue por todas as pessoas físicas ou jurídicas que sejam proprietárias, titulares do domínio útil ou possuidora a qualquer título, inclusive a usufrutuária de imóvel rural;

• **DOI** – Declaração sobre Operações Imobiliárias: Declaração a ser entregue pelos serventuários da justiça, responsáveis por Cartório de Notas, de Registro de Imóveis e de Títulos e Documentos, a fim de comunicar a Secretaria da Receita Federal do Brasil os documentos lavrados, anotados, matriculados, registrados e averbados em seus cartórios e que caracterizem aquisição ou alienação de imóveis, realizada por pessoa física ou jurídica, independentes de seu valor;

• **Guia de Recolhimento do FGTS e Informações à Previdência Social:** Declaração a ser entregue informando os dados da empresa e dos trabalhadores, os fatos geradores de contribuições previdenciárias ▶

A multa pela não entrega ou atraso da declaração é de 1% ao mês-calendário ou fração de atraso, incidente sobre o imposto devido, limitado a 20% desse imposto, observado o valor mínimo de R\$ 165,74





freepik.com

e valores devidos ao Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, bem como as remunerações dos trabalhadores e valor a ser recolhido ao FGTS;

- **DMED** - Declaração de Serviços Médicos e de Saúde: Declaração a ser entregue pelas pessoas jurídicas ou físicas equiparadas à jurídica, prestadoras de serviços de saúde e operadoras de planos privados de assistência à saúde, tais como: psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, dentistas, hospitais, laboratórios, serviços radiológicos, serviços de próteses ortopédicas e dentárias, e clínicas médicas de qualquer especialidade, bem como os prestados por estabelecimento geriátrico classificado como hospital pelo Ministério da Saúde e por entidades de ensino destinadas à instrução de deficiente físico ou mental, são considerados serviços de saúde para fins de declaração do Imposto de Renda Pessoa Física.

Ao processar todas as declarações, se o sistema apontar alguma divergência entre o que foi declarado pelo contribuinte e as informações disponíveis na base de dados da Receita Federal do Brasil, a declaração é retida em malha para análise e conferência.

Também fica retida a declaração que apresentar valores elevados de deduções ou abatimentos, o que não significa que esteja incorreta, e sim, que a Receita Federal do Brasil pretende analisar e conferir mais detalhadamente a declaração. Portanto, é importante que você mantenha em ordem a declaração e todos os documentos, pelo período de 5 (cinco) anos.

Veja um exemplo sobre os convênios existentes entre a Receita Federal do Brasil

com os Estados e Municípios para identificação de dados não declarados:

- Caso o contribuinte deixe de declarar um veículo, informando ao DETRAN somente o número do Cadastro de Pessoa Física (CPF), basta questionar quais veículos estão vinculados ao CPF. Com base na resposta, verifica-se se o contribuinte declarou algum bem com o código 21 (veículo automotor). Desejando saber o valor do bem, basta verificar a base de apuração do IPVA.

- Quando se tratar de imóvel, ocorre o mesmo, pois a Prefeitura do Município de São Paulo detém os dados cadastrais do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), vinculando o CPF de cada proprietário.

Créditos e prêmios da Nota Fiscal Paulista

Os consumidores que receberam créditos ou prêmios da Nota Fiscal Paulista devem informar os ganhos à Receita Federal do Brasil. Os créditos, pagos em dinheiro ou usados para abater o IPVA, são isentos. Já os prêmios têm o desconto do Imposto de Renda antes do pagamento.

É importante que os créditos recebidos sejam informados na declaração do Imposto de Renda, mesmo para pequenos valores. Caso isso não ocorra, o risco é que o contribuinte preste conta à Receita Federal do Brasil, sobre a origem do patrimônio, ou seja: malha fina.

Para não correr este risco, é importante imprimir o informe de rendimentos disponível no site da Secretaria da Fazenda: www.fazenda.sp.gov.br, utilizando login e senha. Caso não possua cadastro, faça-o e

tenha a certeza de que não foi vinculado nenhum crédito ao seu CPF.

Evite ser fiscalizado ou cobrado indevidamente

Com todo este cruzamento de informações, ainda é possível se antecipar ao procedimento de fiscalização, acompanhando a análise da declaração junto ao site da Secretaria da Receita Federal do Brasil, no tópico Serviços/Extrato – Processamento Declarações/DIRPF.

Para uma análise mais detalhada, é necessária a obtenção do Certificado Digital, onde os serviços protegidos por sigilo fiscal ficam disponíveis. O contribuinte poderá, entre outras coisas, obter cópia de declarações e pagamentos, realizar retificação de pagamentos, negociar parcelamento, pesquisar sua situação fiscal, verificar as fontes pagadoras, além de alterar seus dados cadastrais.

Por fim, enfatizamos que antes de realizar a sua declaração de imposto de renda, procure sempre o apoio de um especialista. Por mais bem-intencionado que você seja, as especificidades técnicas podem ser uma verdadeira armadilha em alguns casos. O que pode impactar no resultado e na resposta da Receita Federal do Brasil referente ao que foi declarado. Por isso, muita atenção! ●



HUSSEINE FERNANDES

Diretor Executivo da Meira Fernandes. Contador, Bacharel em Direito e Especialista em Legislação Societária e Direito Educacional.
housseine@meirafernandes.com.br

QUER TER TRANQUILIDADE, SEGURANÇA E EFICIÊNCIA PARA FAZER A GESTÃO DA SUA ESCOLA?



ENTÃO É HORA DA SUA ESCOLA CONTAR COM O APOIO DE QUEM REALMENTE ENTENDE DO SEU NEGÓCIO, A B.W. ATUA HÁ MAIS DE 20 ANOS EXCLUSIVAMENTE NO ATENDIMENTO E APOIO TOTAL A GESTÃO CONTÁBIL, FISCAL, TRABALHISTA E TRIBUTÁRIA DE ESCOLAS PARTICULARES EM TODO ESTADO DE SÃO PAULO.

A B.W. IRÁ DIRECIONAR SUA ESCOLA PARA UM FUTURO SEGURO E LUCRATIVO



RELATÓRIOS GERENCIAIS

Relatórios Gerenciais quanto a situação Contábil, Econômico e Financeiro da sua Escola. Entenda a sua real lucratividade.



CONTABILIDADE POR CENTRO DE CUSTOS

Gestão Contábil por Centro de Custos. Conheça o custo operacional de cada área da sua Escola e tome as medidas corretivas.



PARCERIA E APOIO À SUA GESTÃO ESCOLAR

Apoio total a Gestão da sua Escola. Uma equipe com colaboradores especializados no seu atendimento. Todos à sua disposição para prestar orientação quanto a Gestão Contábil, Fiscal, Trabalhista e Tributária.



PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO EXCLUSIVO

Planejamento Tributário para identificação e adesão ao melhor regime tributário e estratégias para a redução em até 40% do montante pagos em tributos.



ESPECIALIZAÇÃO EM FOLHA DE PAGAMENTO

Gestão Trabalhista e de Folha de Pagamento totalmente voltadas para as especificidades da sua Escola e da legislação vigente.



ATENDIMENTO PERSONALIZADO E HUMANO

Única Assessoria Contábil a disponibilizar para sua Escola um Gerente de Contas. Esse profissional irá dar total apoio ao seu atendimento e desenvolvimento de estratégias para sua Escola, além de tornar seu atendimento mais humano e pessoal.

AO CONTRATAR A B.W. PARA FAZER A GESTÃO CONTÁBIL DA SUA ESCOLA, VOCÊ PASSA EFETIVAMENTE A OBTER RESULTADOS ATRAVÉS DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS DA SUA ESCOLA.

FALE COM O NOSSO GERENTE COMERCIAL E AGENDE UMA VISITA.

(11) 3554-2960 | COMERCIAL@BWCONTABILIDADE.COM.BR | WWW.BWCONTABILIDADE.COM.BR



JORNADAS REGIONAIS B.W. CONTABILIDADE

Estratégias para tornar sua escola mais competitiva e aumentar a lucratividade

Encontro dia, 10/05 - São José do Campos e Grande ABC dia 24/05 de 2018

- A Lei da Terceirização após a Reforma Trabalhista
- Gestão Contábil e financeira - Foco Gerencial
- Gestão Administrativa - Software de Gestão como ferramenta de controle e relacionamento
- As vantagens do ensino bilíngue e os novos paradigmas na educação

Encontro dia, 07/06 - Campinas e região e Baixada Santista dia 14/06/2018

- A Lei da Terceirização após a Reforma Trabalhista
- Gestão Contábil e financeira - Foco Gerencial
- Gestão Administrativa - Software de Gestão como ferramenta de controle e relacionamento
- As vantagens do ensino bilíngue e os novos paradigmas na educação

Informações e inscrições, acesse: bwcontabilidade.com.br/jornadas





ENSINAR CONTEÚDOS OU DESENVOLVER COMPETÊNCIAS?

Trazemos diversas heranças da escola em que estudamos.

A maior parte delas de forma tão incorporada ao nosso ser que dificilmente as reconhecemos como tais. “Livro pra ser bom tem que ser grosso”; “o professor fala e o aluno ouve”; “é o professor quem decide como vai ser a aula”; são apenas algumas das verdades inquestionáveis inculcadas pela escola tradicional que acabam determinando muito da prática de diversos professores.

Talvez o paradigma que mais influencia a prática docente seja o de que o aluno deve se ocupar de aprender os conteúdos que lhes são ensinados e que um dia ele descobrirá para que eles servem. Foi isso que aconteceu conosco na escola e, mesmo sem termos descoberto até hoje a aplicação prática da maioria dos conteúdos que estudamos, essa verdade continua soando como incontestável.

A escola tradicional sempre tratou o desenvolvimento de competências como algo natural e automático. Ao aprender os conteúdos, iremos, naturalmente, desenvolver as competências. Cumprir o programa era tudo que a escola precisava fazer.

Havia a crença de que tendo estudado tudo o que constava do programa, ao defrontarmos com algum problema do mundo real, os conteúdos necessários para resolver tal situação se interconectariam e tudo estaria resolvido. Isso significa que estudamos numa escola que desconhecia o processo de desenvolvimento de competências.

O conceito de competência é bastante discutido e refletido, em especial no contexto acadêmico, em razão da necessidade de se entender quais os elementos que a compõem e como podemos aperfeiçoar seu desenvolvimento. Competência, tomando-se por base as definições mais aceitas, é a capacidade para solucionar situações complexas que exijam conhecimentos, habilidades, experiências e atitudes de diversas naturezas. De forma mais simples, ser competente é saber fazer escolhas, decidir, mobilizar recursos e agir, diante de situações complexas.

A maioria dos autores concorda que as competências são compostas por quatro principais articuladores que são o conhecimento, a habilidade, a atitude

e a experiência. Ao contrário do que a escola nos inculcou, não basta ensinarmos conteúdos, é preciso uma ação específica no sentido de desenvolver competências e essa ação envolve, além de ensinar conteúdos, desenvolver habilidades e atitudes e proporcionar uma experiência mínima. O professor precisa colocar em prática esses quatro articuladores para

que verdadeiramente desenvolva competências em seus alunos.

Ao ensinar determinado conteúdo, a primeira pergunta do professor deve ser qual a relevância do mesmo para o desenvolvimento das competências efetivamente planejadas. Qual conteúdo é mais relevante para o desenvolvimento da competência de analisar situações de

O professor precisa focar os esforços na mesma proporção da relevância do conteúdo para o desenvolvimento da competência





risco em encostas na vida real: diferentes tipos de erosão de acordo com o elemento que a desencadeia ou a vegetação como fator de fixação do solo em encostas? A partir dessa análise, o professor precisa focar os esforços na mesma proporção da relevância do conteúdo para o desenvolvimento da competência. Outra atitude fundamental no desenvolvimento de competências em sala de aula é a apresentação de situações-problemas que tenham relevância sociocultural, ou seja, que sejam as mais próximas possíveis da vida como ela é. Seguindo o exemplo, seria ensinar os conteúdos formação de solos e erosão através da análise de situações reais de deslizamentos de encostas. Outros exemplos podem ser: ensinar orientação geográfica através do uso real de bússolas e as quatro operações, fazendo compras num mercadinho simulado.

Para que auxiliem no desenvolvimento de competências, os desafios apresentados em sala de aula devem possuir algumas características essenciais. A primeira delas é, como já dito, terem relevância sociocultural. A segunda é terem nível de dificuldade compatível com o conhecimento e o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos. A terceira é serem apresentados num nível crescente de dificuldade e a quarta é evocarem conteúdos, habilidades, atitudes e experiências que levem as crianças e jovens a resolverem o problema. Para isso, as atividades desafiadoras precisam ser minuciosamente planejadas, levando em conta todas as suas características essenciais.

Levando em conta o corre-corre do dia-a-dia e a ainda (infelizmente) constante cobrança de cumprir todo o programa (ou de terminar todos os livros), precisamos nos habituar a ensinar os conteúdos e desenvolver as competências ao mesmo tempo. Precisamos, igualmente, compreender que o desenvolvimento de competências exige ações intencionais e específicas. Para que isso ocorra, é fundamental que mapeemos o que é relevante e utilizemos o tempo em sala de aula de forma proporcional às relevâncias mapeadas, sob o risco de ficarmos, por exemplo, quatro aulas falando de conceitos como “Azimuth” e “abóbada celeste” e ensinarmos o movimento de rotação da terra e suas consequências numa única aula, pelo fato da prova ser na semana seguinte. ●

freepik.com



JÚLIO FURTADO

Educador, escritor e palestrante.
www.juliofurtado.com.br



Macrotendências na educação de hoje

Imaginem um lugar onde cerca de 35 mil educadores do mundo todo se reúnem para conhecer o que de mais atual se faz em educação no planeta. Cerca de 850 empresas apresentam suas soluções. E uma infinidade de palestras e workshops acontecem ao mesmo tempo. Esse lugar é a Bett, em Londres, que em 2018 aconteceu de 24 a 27 de janeiro.

Muito além de grandes novidades, o que chamou a minha atenção nesse evento foram as consolidações. Destaco três: o uso sistemático de “big data” e inteligência artificial em soluções educacionais; os serviços em nuvem, de armazenamento e distribuição de conteúdo, integrando soluções e facilitando o trabalho de escolas e de professores; o uso educacional, consistente e economicamente viável, de realidade aumentada e realidade virtual, além do 3D, associados a planos de aula.

O que podemos esperar dessas 3 macrotendências? Em primeiro lugar, que as decisões pedagógicas estão e estarão cada vez mais amparadas em dados. O professor já conta com algoritmos que permitem, cada vez melhor, a personalização das experiências e da aprendizagem de cada aluno. Objetos de aprendizagem e planos de aula de qualidade que, integrados, facilitam a vida do professor e induzem situações de aprendizagem de qualidade, extremamente interessantes e envolventes para os alunos. A distribuição em nuvem tende a facilitar a vida dos gestores escolares: a tecnologia, e suas aplicações educacionais vêm “empacotados” num serviço único que, a critério da escola, pode incluir soluções também inteligentes de gestão, que além das suas funções tradicionais conseguem avançar e, entre outros, predizer a probabilidade de fracasso escolar e de evasão de cada aluno, permitindo a ação

de professores e gestores para evitar problemas tão relevantes.

Na prática, alguns dos efeitos objetivos da boa utilização dessas soluções podem ser dados por: a transformação do padrão das aulas (de chatas para interessantes e interativas); a elevação da qualidade das aulas e da aprendizagem; o adeus à famigerada recuperação – todos podem aprender de forma personalizada, com as melhores estratégias e em seu ritmo; e o fim do fracasso escolar e da evasão.

Por fim, em função dos modelos de negócio dessas soluções, em que a escala permite dramáticas reduções nos custos, a tendência é de que elas estejam disponíveis para todas as escolas. Desde logo, acesso à internet é pré-requisito para o ingresso nesse novo mundo.

A edição da Bett no Brasil, a Bett Educar trará todas estas tendências apresentadas na edição de Londres. Serão mais de 200 empresas expositoras nacionais e internacionais e 17.000 educadores de todo o Brasil. ●



VERA CABRAL

Diretora de Conteúdo da Bett Educar.

Acesso à internet é pré-requisito para o ingresso nesse novo mundo

■ **Bett Educar**

Data: 08 à 11 de maio de 2018
Local: São Paulo Expo – São Paulo
 contato@bettbrazileducar.com.br
 +55 11 3372-7272



bett educar

08 - 11 MAIO 2018

SÃO PAULO EXPO

A BETT EDUCAR DESENVOLVEU UMA PROGRAMAÇÃO COM CONTEÚDO INOVADOR PARA 2018, QUE IRÁ ABORDAR OS TEMAS MAIS ATUAIS DO SETOR.



CONFIRA ALGUNS DOS PALESTRANTES EM DESTAQUE:

INSCRIÇÕES ABERTAS

CONGRESSO BETT EDUCAR 2018



Augusto Cury

Psiquiatra, pesquisador e escritor



Leandro Karnal

Historiador



Virna Dias

Campeã pela Seleção Brasileira de Vôlei



Lucia Dellagnelo

Diretora Presidente do Centro de Inovação para Educação Brasileira



Luciano Meira

Chief of Science and Innovation (CSI), Joy Street



Anna Penido

Diretora do Instituto Inspire



Emilia Cipriano

Professora Titular da PUC/SP



Ghislaine Trigo

Coordenadora da 3ª Versão da Base Nacional Curricular Comum



José Francisco Soares

Conselheiro do Conselho Nacional De Educação



Guiomar Namo de Mello

Diretora da EBRAP da Escola Brasileira de Professores



Miguel Thompson

Diretor Geral do Instituto Singularidades



Leo Fraiman

Escritor e palestrante. Metodologia OPEE / Editora FTD



Luciana Allan

Diretora Técnica do Instituto Crescer

Inscreva-se :

bettbrasileducuar.com.br/congresso

Para mais informações:
contato@bettbrasileducuar.com.br
Telefone: +55 11 3372-7274

Parceiro global



Revista oficial



Parceiros de conteúdo



Chancela



Parceiros



Realização





História Regional: memórias, cultura e sociedade

A História Regional é uma temática que está muito presente no nosso cotidiano: trata-se de nossa memória e nossa cultura.

Todos os dias, a todo o momento, fazemos a história e estamos inseridos nela. Somos protagonistas da nossa própria história, e é a partir daí que iniciaremos nosso diálogo.

Pense e reflita sobre a importância de tudo isso, da sua cultura, do lugar em que vive, suas memórias e acontecimentos.

No novo dicionário Aurélio, ao procurarmos o termo história, encontramos muitos significados para a palavra e, entre eles, podemos destacar alguns, como o passado da humanidade ou uma simples narração. Os historiadores, às vezes, acrescentam o termo história-acontecimento, que é a história do homem visto como um ser social, vivendo em sociedade. É o processo de transformação das sociedades humanas. Quer aceitemos ou não, somos parte disso e temos então,

desde que nascemos, uma ação concreta a desempenhar.

Quando falamos de história, pensamos imediatamente em um processo específico de afirmação através do qual um fenômeno ou uma prática se inscrevem no tempo ou produzem uma natureza própria. Quando falamos de cotidiano, temos de desvendar este conceito: o estudo das sociabilidades? A análise de situações e histórias de vida com sua bagagem? A etnografia e a antropologia da vida material? Uma enorme série de campos espaço temporais e relacionais parece querer estilhaçar esse objeto histórico numa pluralidade de temas complexos de análises.

História é uma palavra de origem grega, que significa investigação, informação. Surgiu no século VI A.C., na região mediterrânea, ou seja, nas regiões do Oriente Próximo, da Costa norte-africana e da Europa Ocidental. Antes disso, porém, vemos que os homens desde sempre, sentem necessidade de

explicar para si próprios sua origem e sua vida. A primeira forma de explicação que surge nas sociedades primitivas é o mito, transmitido em forma de tradição oral. É preciso que reconheçamos no mito uma forma de pensamento primitivo, com sua lógica e coerência próprias, não sendo simples invenção. O mito fornece uma explicação que para os povos primitivos é uma verdade.

A explicação mítica não vai, evidentemente, desaparecer. O mito continua até hoje em quase todas as manifestações culturais, mas não como única forma de explicação da realidade e sim paralelamente a outras formas de explicação, como a História.

Ao longo do tempo, a História vai sendo vista como mestra da vida, levando os homens a compreenderem o seu destino. Tudo tem sua história, pois sabemos que tudo se transforma o tempo todo.

A relação que estabelecemos com a História também é uma construção nossa



O estudo da História deve contribuir para a formação de um cidadão crítico, consciente e sujeito de sua própria história, ou seja, alguém que se sinta incluído e participante ativo na sociedade em que vive

e revistas por trabalhos posteriores. Assim, um dos principais objetivos é resgatar os aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do processo de desenvolvimento. O estudo da História deve contribuir para a formação de um cidadão crítico, consciente e sujeito de sua própria história, ou seja, alguém que se sinta incluído e participante ativo na sociedade em que vive.

É necessário entender que até o século XVIII, as regiões do mundo inteiro constituíam países, no sentido de que elas eram não apenas a unidade apropriada para o estudo das sociedades, mas elas eram, de fato, os habitats dos homens e mulheres pré-modernos. Isto para a quase totalidade das populações comuns da Antiguidade, da Idade Média e da Idade Moderna que trabalhavam, comiam e dormiam, procuravam cônjuges e geravam filhos, elaboravam saberes e realizavam festas e ritos numerosos. Foi no século XVIII que filósofos franceses e alemães começaram a empregar o termo cultura, de início restrito a assuntos agrícolas, para referir-se ao progresso material e mental da humanidade: a cultura da terra proporcionava, portanto, uma metáfora para a cultura de si mesmo, numa tradição que no século XX, na formulação antropológica é a ideia, de que o homem se faz a si próprio.

Pode-se dizer que cada uma das regiões era dotada de hábitos e costumes específicos, possuía suas próprias normas de convívio e formas de hierarquia social e a identidade dos homens dessas sociedades pré-modernas se assentava no conjunto de aldeias e de regiões onde desenrolavam suas experiências. A expansão da Modernidade, do Estado, do Capitalismo e das filosofias universalistas (típicas do Renascimento e do Iluminismo) tentou pôr fim às singularidades e autonomias das antigas regiões. O ataque da fortaleza regional é o trabalho contínuo da Modernidade.

No decorrer do século XIX, tanto os pensadores europeus conservadores quanto os de esquerda acreditavam que

as diferenças entre os povos e as regiões diminuiriam continuamente. Todos os espaços do mapa ficariam preenchidos com indústrias, cidades, meios de comunicação e invenções maravilhosas.

No século XX, a corrente principal dos marxistas acreditou que a modernização capitalista proveniente da Revolução Industrial inglesa abarcaria todo o planeta e as diferenças culturais seriam manifestações superficiais de forças econômicas, que se tornariam insignificantes por causa do avanço do conhecimento e da tecnologia. Evidentemente, a História Regional e Local não pode ser desvinculada de um contexto mais amplo de região, ou seja, não podemos falar de economia do Estado do Rio de Janeiro no século XIX, sem fazer uma relação com o cenário nacional, mas isso não significa estabelecer escalas de valores entre um tema e outro. O fundamental é percebermos as relações históricas na mais pura especificidade.

Portanto, se observarmos os acontecimentos atuais, fica claro que o planeta não caminha no sentido de ser libertado de suas origens regionais. É bem verdade, que a globalização afeta as culturas tradicionais, já que tem como efeito tornar cada lugar do mundo bem parecido um com o outro, difundindo os mesmos valores e comportamentos. Porém, os impactos da globalização não desencadeiam processos iguais no Brasil ou na China, ou até no interior do Estado do Rio de Janeiro. Cada lugar manifesta a globalização de acordo com o seu contexto histórico, cultural e socioeconômico. Enfim, o regional continua importante para entendermos a história de cada local, cada povo, exigindo que cada indivíduo e nação repensem suas identidades.

Nesse cenário, século XXI, reaparecem as regiões, de mãos dadas com a revalorização da memória. Os indivíduos têm necessidade de conhecer e reconhecer o espaço onde vivem, de pertencer e se apropriar do mesmo, no decorrer da História. Assim, as regiões e as diversidades de cada lugar assumem novos significados. Exigem-se novos estudos

e revela muito da nossa trajetória, das nossas escolhas, daquilo que destacamos, que acreditamos ser digno de reflexões.

A História se coloca hoje em dia cada vez mais próxima às outras áreas do conhecimento que estudam o homem (a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Geografia, etc.), procurando explicar a dimensão que esse tem e tem em sociedade. Cada uma dessas áreas tem seu enfoque específico.

A História analisa e contextualiza as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. Nós mudamos constantemente, isso é válido para o indivíduo e para a sociedade. Nada permanece igual e através do tempo se percebem as mudanças.

Em outras palavras, a História não é só levantamento de dados ou fatos. Ela os relaciona entre si, interpreta seu sentido, procura explicar uma relação desconhecida. Nessa explicação, os fatos e sua interpretação são de grande importância no estudo da História de um povo, de uma cultura, de uma sociedade.

Em História, todas as conclusões são provisórias, pois podem ser aprofundadas



da história local e regional, buscando-se raízes, fontes de identidade e valorização da cultura.

A História cultural se preocupa em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação, e mesmo do conflito social, característica que sem dúvida a distingue da história das mentalidades, pelo menos daquelas versões limitadas que descrevem a vida cotidiana ou que apreçoam que a mentalidade é algo comum ao conjunto da sociedade, não importando o lugar ocupado por indivíduos ou grupos na estratificação social. A cultura popular se define também pelas relações que mantêm com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida.

Está na hora de entender melhor o que é a História Regional! Não se trata apenas de uma História estudada sobre pequenas porções de um país, exemplo: o Pantanal, Estado ou Município. História Regional é aquela que toma o espaço como terreno de estudo, que analisa as dinâmicas históricas no espaço e através do espaço, enfatizando as diferenças de cada lugar. Enfim, é a História que vê o lugar, a região e o território como essência da sociedade e da história; uma abordagem específica de grupos sociais historicamente vinculados a uma base territorial. Devem-se reunir dados de uma época, sobre a formação e desenvolvimento do espaço, estudar os grupos de pessoas componentes desse espaço e toda sua identidade cultural e histórica, destacar as dinâmicas e transformações desse espaço ao longo da História, compreender que na História há muitos tempos sociais que convivem na realidade do mundo e do país.

Desse modo, verifica-se que a Nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, como os Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCNs) de 1997, enfatizam a ideia de diversidade cultural, múltiplos olhares sobre a cultura e a História do patrimônio material e imaterial do Brasil. Nos permitindo, como professores ampliar estes temas, incorporando leituras críticas de textos em sala de aulas, resgates de lendas e tradições regionais, pesquisas de fontes históricas, estudo de textos literários, possibilitar discussões a respeito da diversidade cultural, narrativas cotidianas. Mas isso só será viável pedagogicamente, se Escola, Docentes e Alunos estiverem abertos para a realidade da comunidade escolar, pelo saber adquirido a partir das vivências e tradições dela.

A formação dos professores e a qualificação deles, também deveria ser uma ação, aliás, primordial, na execução de políticas educacionais que integram educação e cultura. É necessário qualificar os docentes, oportunizar novas metodologias de ensino que permitam o uso de novas práticas educacionais e elaboração e execução de projetos pedagógicos que incentive a integração entre Educação e Cultura.

O currículo escolar, também é outra ação necessária, pois deveriam dar maior ênfase ao cotidiano escolar, permitir estudos de Histórias regionais, locais, que incentivassem a formação de uma identidade cultural e consequentemente nacional; dar ênfase às tradições, valores, memórias, vivências e uma nova percepção do tempo e do espaço. Nos últimos anos, a relação entre Educação e Cultura foi incorporada nas políticas educacionais visando reforçar a autoestima dos alunos, fortalecer as identidades sociais e resgatar a história oral de diversas regiões, em outras palavras, as experiências culturais interagindo dentro e fora da escola.

Mas como disse antes, na realidade falta muito ainda, para que essas políticas

sejam efetivadas de fato. É importante refletir esta questão, como a Cultura se traduz em experiências escolares? Qual a imagem que os alunos têm de si mesmos, de seu lugar, de seu país, do mundo em que vivem? É preciso, enquanto professores, buscarmos esse olhar, essa identidade, esse sujeito capaz de transformar a sua realidade a partir do conhecimento obtido pela mesma. Oportunizar ao aluno a busca de suas raízes, em lembrar coisas do passado, seja na família ou comunidade, na cidade ou região, tornando a história viva; tornando-se sujeitos de sua própria História, sendo capaz de transformá-la de maneira crítica e consciente. Para uma boa prática, é necessário conhecer e fortalecer a identidade social, possibilitando ao aluno conhecer e reconhecer o espaço onde vivem, pertencer e se apropriar do mesmo no decorrer da sua História, promovendo a troca de significados e vivências. Analisar, refletir, respeitar e preservar as diversas manifestações, utilizadas por diferentes grupos sociais e étnicos, interagindo com o patrimônio material e imaterial da História a qual está inserido (local, nacional e global) que se deve conhecer e compreender em sua dimensão sócio histórica. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PINSKY, Jaime. As primeiras Civilizações. 24 ed., São Paulo, Contexto, 2008.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense, 1994.



SIMONE DA SILVA VIANA

Professora e Pesquisadora que atua no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá de Campos dos Goytacazes. No Externato Campista e rede Estadual de Educação.



“...Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça, ou doente do pé...”

Olá! É muito bom estar de volta compartilhando ideias, assuntos e pesquisas com vocês. Na edição de janeiro eu coloquei que trataria do tema “carnaval”, mas acabei atrasando a entrega do texto o que impossibilitou de veiculá-lo em fevereiro. Contudo, peço desculpas e me coloco à disposição para enviá-lo em PDF para o seu e-mail, basta escrever para: slissoni@hotmail.com.

Quem assistiu algumas partes dos desfiles das escolas de samba, principalmente as entradas, pôde ver que a coreografia de algumas comissões de frente pareciam representar o tema do samba enredo. A expressão corporal individual ou em grupo com música é uma prática que iniciou ainda na pré-história. Algumas civilizações acreditavam que os sons eram presentes dos deuses e, portanto, os sons dos movimentos corpóreos juntamente com os emitidos pelas vozes, eram utilizados para pedir ou agradecer aos deuses, para se apossar das almas dos animais, projetar desejos, medos, ou qualquer outra coisa que fugisse do campo da razão. Enfim, a música tinha cunho ritualístico, espiritual, e sempre foi uma ferramenta poderosíssima para mover, controlar e sugerir multidões. O tempo passou e não mudou muita coisa em alguns segmentos.

Mas será que atentamos aos conteúdos das canções que ouvimos e cantamos? Nossos alunos interpretam as letras das músicas? Identificam os valores negativos e positivos nas obras?

O fato é que desde muito pequenos fomos acostumados a ouvir sem prestar atenção. Não apenas as músicas, mas todo universo sonoro, os sons de casa, nas ruas, na escola, igreja, as vozes humanas, etc. Já uma pessoa cega normalmente ouve com qualidade superior à maioria dos videntes, justamente por se orientar espacialmente utilizando as referências sonoras. Ter a audição aguçada é também uma questão de treino. Vou propor uma breve análise de algumas canções de nossa cultura popular.

Uma das primeiras impressões negativas que a criança sofre é quando sua mãe canta alguns acalantos para ela dormir. –“Nana nenê, que a cuca vem pegar.

Papai foi à roça, mamãe volta já”- Vamos imaginar que essa criança está nos braços de sua própria mãe, que a embala e canta com uma voz suave. A letra da música pode não fazer sentido algum para a criança, porém, as palavras nenê, papai e mamãe provavelmente lhe soarão familiares (dependendo da idade – meses). Inconscientemente a informação que é registrada não é das melhores. “Nana nenê que a cuca vem pegar...”, oras, no momento em que eu dormir virá uma coisa, talvez um bicho chamado cuca para me pegar. Ou será que é para eu dormir se não a cuca vem me pegar? Não sei! A única coisa que tenho certeza é que meu pai foi para tal de roça, que deve ser longe, e minha mãe não sei onde está. Então esta mulher que está me segurando não se trata de minha mãe. Mas, quem é ela então??? Será que é a própria cuca??? Não menos assustadora é a segunda parte da música: “Bicho-papão sai de cima do telhado. Deixa o(a) – nome da criança – dormir sossegado(a).” Como a criança poderá dormir sossegada se quem a acalanta mandou o bicho-papão descer do telhado? Isso fará com que ele fique mais perto. Dá para confiar numa pessoa assim?

Mas não pára por aí. Tem o boi da cara preta que pega as crianças que têm medo de careta, e ainda na canção “Dorme, Nenê”, que no mínimo passa a ideia que a criança além de atrapalhar nos afazeres de quem canta, ainda dá trabalho para ela, que parece não ter prazer em fazê-lo – “Dorme nenê que eu tenho o que fazer. Vou lavar, vou engomar camisinha pra você”.

As sugestões negativas se estendem por muitas parlendas e brincadeiras de roda, e canções populares. Mas como isso funciona? Como uma sugestão negativa ou positiva influencia na formação da personalidade da criança?

Toda informação que chega ao inconsciente é registrada como verdadeira. Isto é, a mente inconsciente não raciocina, portanto não filtra o que é ruim. Isso é papel da mente consciente. Imagine que você é um grande navio. A mente consciente é o capitão, que determina a rota a seguir, a velocidade, tem uma visão ampla



do entorno e com o auxílio de radares (os sentidos), tem a propriedade de conhecer, e avaliar as condições para navegar em segurança. A mente inconsciente é o encarregado pela casa das máquinas desse navio. Não vê absolutamente nada, não toma decisões, simplesmente acata imediatamente as ordens do capitão. Para ele, toda informação é verdadeira, e independentemente das ordens serem corretas ou não, sem ter conhecimento de qualquer risco ele fará o que lhe for ordenado. A criança no primeiro ano de vida está com todos os sentidos abertos e são facilmente estimulados. Tudo o que ela sentir o inconsciente registrará como referência que deve ser seguida. Portanto é imperativo que ela tenha informações



freepik.com

O fato é que desde muito pequenos fomos acostumados a ouvir sem prestar atenção

for escolhido para sair, se o último que restar for o elemento que correrá atrás de todos, ou vai “bater-cara” no caso da brincadeira esconde-esconde.

Por fim, quero usar como exemplos um trecho do poema “Trem de Ferro” de Manuel Bandeira que se tornou fórmula rítmica para a imitação do barulho do trem – “Café com pão, café com pão, café com pão...” popularizada ela é cantada desta maneira: “Café com pão, café com pão, café com pão, bolacha não...” A ideia que se firma é de falta. Tem apenas o café sem o leite, e o pão é puro sem qualquer recheio. Enquanto a criança brasileira recebe este padrão, nos Estados Unidos o barulho do trem é imitado com a frase: “I can I do, I can I do, I can I do...”, ou seja, eu posso, eu faço. É 100% confiança e positividade.

Proponho um arranjo simples com a música “Stop The Train”, extraída do folclore norte-americano que normalmente é cantada apenas o que está escrito na partitura Lissoni. Porém pode-se enriquecê-la agregando a frase “I can, I do”. Imagine que o trem está vindo de longe e rapidamente, a frase deverá ser cantada de maneira rápida e fraca. Conforme o trem se aproxima da estação, o som fica mais forte e vai perdendo a velocidade até parar. Acrescente um “tchiiiiiiii” longo para imitar o freio, e então comece a música. Você ainda poderá fazer um cânone, o que dará a impressão de passageiros entrando e saindo dos vagões. Após o término da letra, retome o “I can I do” forte e lentamente. À medida que o trem for se distanciando da estação, o barulho ficará mais fraco e mais rápido. Acrescente também a buzina do trem.

precisas, verdadeiras e positivas para crescer segura e feliz. Vejamos exemplos de sugestões negativas presentes na cultura popular.

As duas fórmulas de escolha a seguir, exprimem o azar, a inconsequência, a teimosia, o ir contra a autoridade materna:

– “Lá em cima do piano tem um copo de veneno. Quem bebeu morreu, o azar foi só seu.”

– “Minha mãe mandou bater neste daqui. Mas como eu sou teimoso, bato neste daqui. Um, dois, três.”

A primeira não é simplesmente um jogo de escolha. A criança que for indicada, além de sair da brincadeira estará fadada a ter azar. Já a segunda pode manifestar a preferência (positiva) por quem

Stop The Train

Compasso Quaternário
Tonalidade: D

Folclore Norte-Americano
Transcrição: Sidney Lissoni

Tradução: Para parar o trem puxe a cordinha, puxe a cordinha. Infração cometida por você, por uso impróprio, cinco “paus” (gíria para expressar cinco dólares).



PROF. MAESTRO SIDNEY LISSONI
E-mail: slissoni@hotmail.com

Bom Trabalho e Abraços Fraternos. ●



CRISE AMARGA

freepik.com



As estatísticas demonstram que vivemos uma situação de guerra, no mais silencioso dos combates

que juram amor aos pobres e pernoitam com milionários, quanto dos justiceiros da ordem, nos mais autêntico estilo bedel.

Em outros países, as crises geraram aperfeiçoamentos e enobreceram a história. Por aqui, por enquanto, apenas vítimas.

Vivemos um momento em que um grupo de servidores públicos assalariados, encastelados na operação Lava Jato, faz hercúleo e heroico esforço para ao menos punir e desestimular os assaltos ao erário, muitas vezes enfrentando dificuldades no Executivo, Legislativo e Judiciário. Mesmo assim, enfrentam campanhas, tão sórdidas quanto radicais, de achincalhe e descrédito.

Somos um país soberano, e talvez a crise nos conduza a nação com valores e cultura civilizados, onde a esperteza desonesta não seja saudada como natural e até engraçada. Depende de nós! ●



PEDRO ISRAEL NOVAES DE ALMEIDA

Engenheiro agrônomo e advogado, aposentado. pedroinovaes@uol.com.br

E estamos chegando ao fundo do poço.

A crise chegou às unidades de saúde, a cada dia mais necessárias, em um país onde metade da população sequer conta com satisfatório saneamento básico.

Nas poucas cidades onde hospital e pronto-socorro funcionam, ainda que precariamente, é possível verificar a firme atuação de voluntários e abnegados, minimizando a falta de estruturas, pessoal e até de medicamentos.

No crônico desencontro entre orçamento e gestão, brasileiros, aos milhões, não conseguem atendimento médico e cirurgias eletivas viraram um luxo à disposição de poucos. Mortes e sofrimentos alimentam as manchetes dos noticiários,

e as estatísticas demonstram que vivemos uma situação de guerra, no mais silencioso dos combates.

O lado cruel da crise reside no fato de serem, as vítimas, cidadãos com menos recursos e pequeno relacionamento social com pessoas influentes. Gestores públicos, dos pequenos aos grandes municípios, experimentam o desafio de eleger prioridades, em ambiente de orçamentos declinantes e necessidades públicas crescentes.

A disputa pelo agravamento da crise segue célere, alternando omissões e erros dos governos federal, estadual e municipal. Muitos prefeitos, cujas cidades não contam com hospitais e unidades de socorro, despejam pacientes em municípios vizinhos, sem a proporcional colaboração financeira para a manutenção dos serviços.

Na maioria dos municípios brasileiros, as unidades de saúde andam sobre rodas, com pacientes perambulando em ambulâncias, mundo afora. A crise na saúde é o mais cruel e desumano reflexo dos erros e crimes que marcaram, historicamente, nossas administrações públicas, desde que aqui aportou a primeira caravela.

O difícil é explicar, a algum cidadão desassistido, que nosso problema nunca foi de incompetência administrativa, mas de desonestidade explícita e crescente. Em meio ao descalabro, caminhamos ainda sem rumo, ouvindo aplausos e saudações aos aventureiros de sempre, tanto dos

freepik.com



ATENÇÃO PARA A NOVA CONVENÇÃO COLETIVA DOS SEUS FUNCIONÁRIOS

VOCÊ SABIA QUE?

- As cláusulas (**de acordo com sua região**) 16, 18 e 19 das convenções coletivas das escolas particulares dizem respeito à responsabilidade da escola em indenizar os beneficiários de seus funcionários caso venham a falecer?
- A Indenização para os professores e auxiliares é de 24 vezes o salário do funcionário que vier a falecer?
- O seu Sindicato SIEEESP, juntamente com a KLIMA CORRETORA DE SEGUROS, possui uma apólice de Vida em Grupo, com condições diferenciadas, para evitar imprevistos e garantir tranquilidade da sua gestão?

COBERTURAS:

- Morte dos funcionários por qualquer causa, até o limite máximo da indenização de R\$ 300.000,00;
- Auxílio funeral de até R\$ 3.000,00;

CONFIRA AS VANTAGENS:

- Fácil adesão;
- Ótimo custo x benefício;
- Simplicidade na liquidação de sinistros;
- A Klima Corretora é especializada no segmento Educacional, onde através da parceria de quase 20 anos com o SIEEESP, e também com excelentes Seguradoras, pode oferecer às escolas particulares uma apólice a um custo tão baixo, com facilidades na adesão, e atendimento diferenciado.

Confira na íntegra as convenções da sua região acessando o site: www.sieeesp.org.br

Veja um exemplo de cálculo de seguro:

Folha de Pagamento Mensal:	R\$60.000,00
Valor mensal do Seguro:	R\$ 324,89

Ligue agora para (11) 5087-6522 e garanta sua adesão ao **Seguro de Vida em Grupo SIEEESP.**

Seguro Vida em Grupo



Klimaseguros@klimaseguros.com.br

Av. Das Nações Unidas, 18.801 . Conjuntos 425 / 426 . CEP 04795.100 . Vila Almeida

LOTHAR

ESPAÇO DE CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO

Como a escola pode ajudar a desenvolver pessoas e profissionais mais criativos?

Localizado no Shopping Market Place, em São Paulo, o novo Espaço Lothar de Criatividade e Inovação, criado pela Faber-Castell, é um lugar projetado para proporcionar uma experiência criativa com alinhamento pedagógico para os alunos.

Com 800 m² o Espaço Lothar está aberto a crianças do Fundamental.

Lá os alunos farão atividades de imersão em Aprendizagem Criativa, uma estratégia pedagógica que promove o desenvolvimento de indivíduos que pensam de maneira criativa, de forma estruturada e trabalham em colaboração.

As atividades foram desenvolvidas pelo pesquisador Leo Burd, do MIT, com exclusividade para a Faber-Castell e estão fundamentadas em 3 pilares:

- o Storytelling: narrativa envolvente que apresenta uma problematização
- o Design Thinking: aplicação da lógica de pensar do designer
- o Maker: construção de protótipos 3D para as soluções

Com pontes para conteúdos curriculares.

COMO FUNCIONA?

1. Desafio: uma narrativa apresentada que oferece uma problemática a ser solucionada.

2. Empatia: os alunos são sensibilizados pelos personagens e entendem o contexto envolvido.

4. Prototipagem mão na massa: materialização dos conceitos através da construção de protótipos 3D que solucionam o desafio, explorando a vasta gama de materiais e tecnologias disponíveis (cortadora a laser, impressão 3D, etc.).

6. Iteração: levando em consideração os comentários e sugestões recebidos, os alunos implementam alterações e melhorias nos protótipos, co-criando com seus pares.

7. Reflexão: reflexão sobre a experiência, novas habilidades adquiridas e possíveis expansões de conteúdo para criar nos alunos consciência do seu próprio processo de aprendizagem e ajudá-los a identificar outros contextos nos quais suas ideias podem ser aplicadas.

3. Ideação: os alunos experimentam um ambiente livre para expressar ideias, decidindo o que construir e quais materiais utilizar.

5. Compartilhamento: os alunos apresentam suas ideias e recebem sugestões do grupo, exercitando as habilidades de expressar ideias de forma concisa e oferecer/receber críticas construtivas.

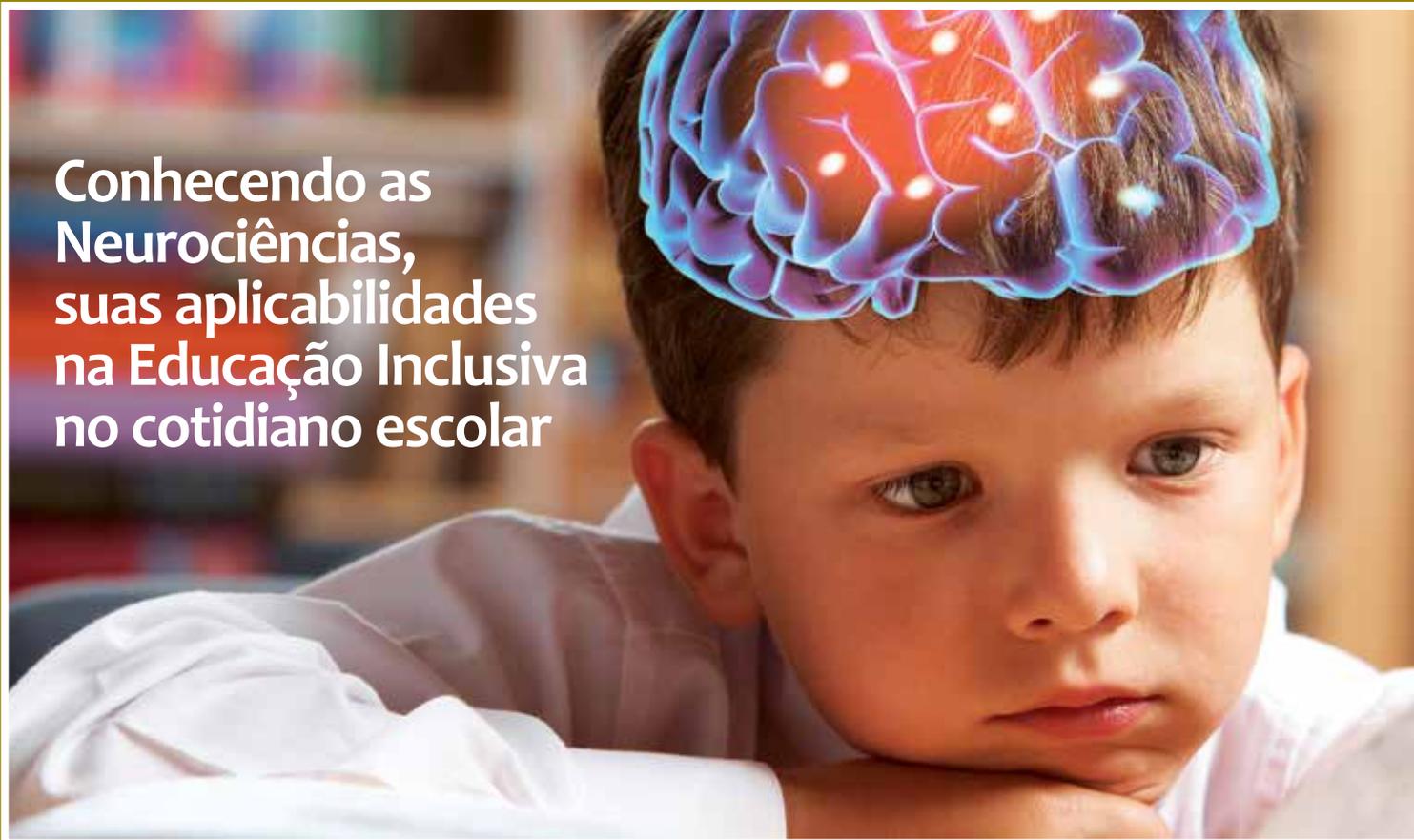
8. Luz, câmera, ação! os alunos gravam um vídeo apresentando a problemática, o protótipo construído como solução e o processo criativo vivenciado por eles.

Leve sua escola para conhecer o Espaço Lothar de Criatividade e Inovação.
Você pode fazer o agendamento da visita através do e-mail: contato@espacolothar.com.br.

Sua escola será muito bem-vinda!

Shopping Market Place.
Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 - Vila Cordeiro, São Paulo - SP.

Conhecendo as Neurociências, suas aplicabilidades na Educação Inclusiva no cotidiano escolar



“Conhecer a história do educando e tratá-lo como sujeito único pode mudar o rumo de muitas crianças.”

Marta Relvas

Muitas pessoas vivem com limitações funcionais relacionadas às lesões ou às doenças do sistema nervoso. As pessoas que apresentam danos encefálicos, lesões da medula espinhal, defeitos congênitos e doenças neurológicas têm de se adaptar às suas especificidades. Tarefas aparentemente simples, como se sentar, ficar de pé, se vestir, recordar nomes, tornam-se desafios incríveis. Por isso, surge a necessidade de, cada vez mais, estudar o sistema nervoso central, para aprender, pois, atualmente com a descoberta da plasticidade neural, surgem um novo olhar e uma esperança tanto para aqueles ditos “padrões normais” da sociedade quanto para as pessoas com outra específica eficiência educacional para lidar com o dia a dia da vida.

Para se compreender o caminho percorrido das informações pelos estímulos sensoriais até chegarem ao cérebro, há de se ter a necessidade de uma abordagem anatômica e fisiológica (forma e função), porém desejo facilitar essa decodificação. Para isso, faz-se entender que existem movimentos de conexões nervosas que são dinâmicos e velozes, em razão da

integração entre três sistemas fundamentais para a construção de saberes do sujeito que aprende. O primeiro aspecto é o sistema de informação, o segundo é a compreensão dos sistemas biológicos e o terceiro que adentra em nosso cotidiano é a cibernética, formando, assim, uma teia de conectividade.

Diante disso, é fato que diversas dificuldades de aprendizagens poderão ser resolvidas ou amenizadas quando os educadores tiverem seus olhares focalizados na promoção do desenvolvimento dos diversos estímulos neurais que se expõem de forma que se compreendam os processos e os princípios das estruturas do cérebro, conhecendo e identificando cada área funcional, visando estabelecer rotas alternativas para aquisição da aprendizagem, utilizando-se de recursos sensoriais, como instrumento do pensar e do fazer.

É fundamental que educadores conheçam as estruturas cerebrais como interfaces da aprendizagem e que sejam sempre um campo a ser explorado. Para isso, os estudos da biologia cerebral vêm contribuindo para a práxis em sala de aula, na compreensão das dimensões cognitivas,

motoras, afetivas e sociais no redimensionamento do sujeito aprendente e suas formas de interferir nos ambientes pelos quais passam.

A formação do sistema nervoso nos faz entender melhor a adaptação sensorio-motor dos seres vivos e, por consequência, dos sujeitos aprendentes, haja vista que os mais primitivos dos humanos e os atuais ajustam-se continuamente ao meio ambiente, que é mutável, com a finalidade de preservação da espécie.

Então, para que serve o sistema nervoso central? Qual a ligação com o aprender? O sistema nervoso coordena as atividades internas e externas do organismo, produzindo uma integração e a busca em manter a homeostase (equilíbrio) do indivíduo com o mundo externo para promover a aprendizagem.

Um breve estudo sobre a Anatomia da Aprendizagem

O cérebro funciona por ativação da área cortical (parte superior do cérebro), sendo determinada por um estímulo, este provoca alterações também em outras áreas, pois o cérebro não funciona como regiões isoladas. Isto ocorre em virtude da



freepik.com

É fundamental que educadores conheçam as estruturas cerebrais como interfaces da aprendizagem e que sejam sempre um campo a ser explorado

O humano é organizado por 86 bilhões de neurônios e 10 milhões de conexões, aproximadamente.

Importante destacar que não existem pessoas que não aprendem. O fascínio pelas descobertas das pesquisas em Neurociências aumentou com o grande estímulo advindo da década do Cérebro. O principal ensinamento dessa década é que o cérebro tem muito mais capacidade de sofrer modificações do que se pensava até alguns anos atrás. Hoje está claro que, antes mesmo, o cérebro adulto, o qual se pensava ser imutável, pode ser sede de renovação, a partir de algumas áreas com capacidade para gerar novas células. Essa possibilidade abre inúmeras portas em pesquisas para o estudo de novas drogas com efeito sobre o desenvolvimento do sistema nervoso (SN), bem como para a utilização de técnicas de reabilitação que usem as JANELAS DE OPORTUNIDADES para o desenvolvimento de determinadas funções.

O processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional, que oferece ao estudante a oportunidade de transitar no sistema escolar, da classe regular ao ensino especial, em todos os seus tipos de atendimento: escolas especiais, classes especiais em escolas comuns, ensino itinerante, salas de recursos, classes hospitalares, ensino domiciliar e outros. Trata-se de uma concepção de inserção parcial, porque nem todos os alunos com deficiência cabem nas turmas de ensino regular, pois há uma seleção prévia dos que estão aptos à inserção. A Inclusão é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceções, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. As escolas atendem às diferenças, sem discriminar, sem trabalhar à parte com alguns alunos, sem estabelecer regras específicas para se planejar, para aprender, para avaliar.

existência de um grande número de vias de associações neuronais, precisamente organizadas, atuando em várias direções.

As vias neuronais podem ser muito curtas, ligando áreas vizinhas que trafegam de um lado para outro, sem sair da substância cinzenta. Outras podem constituir feixes longos e trafegam pela substância branca para conectar-se a um giro a outro, ou um lobo a outro, dentro do mesmo hemisfério cerebral, são as conexões intra-hemisféricas. Por último, existem feixes comissurais que conduzem a atividade de um hemisfério para outro, sendo o corpo caloso que unem os dois hemisférios, o mais importante deles. As associações recíprocas entre as diversas áreas corticais asseguram a coordenação entre a chegada de impulsos sensitivos, sua decodificação e associação, e a atividade motora de resposta. A isto, chamamos de funções nervosas superiores, desempenhadas pelo córtex cerebral.

Os neurônios (células especializadas do sistema nervoso), são constituídos por estruturas capazes de conduzir sensações, são capazes de estabelecer sensações, percepções, sentimentos e funções inconscientes e involuntárias do sujeito que aprende. Sua forma é diversificada, porém a grande maioria é alongada, para facilitar sua função.

A escola vem tentando desempenhar um papel importante seguindo a Lei nº. 9394 de Diretrizes e Bases da Educação. A inclusão escolar promove a inserção das pessoas com necessidades especiais no mesmo grupo dos sem necessidades específicas.

Esse movimento é gradual e dinâmico e tem como intuito valorizar as necessidades e habilidades dos alunos em busca de uma educação de qualidade. A proposta de educação inclusiva pode ser compreendida como um valor, cuja implementação se faz pela reestruturação das escolas em todos os níveis, de modo que possam atender as necessidades de todos os alunos independentemente dos problemas específicos, pois, todos têm direito ao processo de inclusão.

A educação para “deficientes” começou a ser concebida no mundo a partir do século XVI por médicos e pedagogos. Se destinava apenas àqueles que possuíam alguma deficiência física, os quais eram tratados em ambientes distintos dos “normais”, como asilos e manicômios. Já no século XIX, surgiram as classes especiais nas escolas regulares. A educação inclusiva no Brasil, iniciou-se no século XIX por iniciativas governamentais

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994) e LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (1996). Segundo a UNESCO, foi ação conjunta entre a educação regular e a educação especial, reconhecendo as diferenças e destacando que essas devem ser respeitadas, essa iniciativa foi um marco importante e um forte e valioso aliado na luta contra o preconceito. Logo depois a LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (1996) – LDB resulta no Direito à educação para os alunos com necessidades especiais. Segundo essa lei, a educação especial é a modalidade de educação oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com direitos e necessidades especiais.

Algumas questões mais discutidas é a formação de professores. Há uma necessidade que a equipe seja multidisciplinar, sendo esta constituída por profissionais de diferentes áreas que possam discutir a inclusão do estudante com necessidades educacionais especiais de forma conjunta e integrada. O olhar dessa equipe deve estar focado em questões específicas. E o professor deverá estar capacitado para se sentir com mais autonomia para mediar às relações em sala de aula e elaborar atividades dinâmicas de modo que consiga integrar todos os alunos. Somente criar oportunidades não significa que as relações estabelecidas serão adequadamente exploradas. Para Vygotsky (1997), o professor deve servir



freepik.com

como facilitador das relações entre colegas em sala de aula.

Pessoas com necessidades educacionais especiais ao serem inseridos no contexto da escola regular, se deparam com inúmeras barreiras para adaptar-se, pois o seu ritmo muitas vezes ou a forma como ele capta as informações é diferente dos demais estudantes. Imbuídos dessa consciência, profissionais de diferentes áreas do conhecimento se integram, formando uma equipe multidisciplinar que irá auxiliar esse indivíduo em suas dificuldades.

A inclusão possibilita repensar a cultura escolar estruturada a partir da organização da educação especial como sistema paralelo ao ensino regular, que fez persistir por muitos anos a idéia de que os alunos com necessidades educacionais especiais não têm lugar na escola comum, ou que devem se preparar para estar nela.

Esta abordagem exige uma postura ativa de orientação aos sistemas de ensino para o desenvolvimento de programas de formação de professores e para a construção de projetos pedagógicos inclusivos na perspectiva da flexibilidade, heterogeneidade e não atrelamento aos padrões pré-estabelecidos, contemplando a diversidade e favorecendo a inclusão educacional.

As equipes multidisciplinares e interdisciplinares só têm sucesso quando

agem de forma integrada com a família e a escola a fim de otimizar resultados e focar o melhor desempenho da aprendizagem. É importante compreender que a dificuldade de aprender não é uma situação isolada e que, muitas vezes, são necessários uma avaliação e um diagnóstico de especialistas para o tratamento das desordens do aprender. É fundamental perceber que tal processo é sinalizado e, por isso, torna-se imprescindível o conhecimento do professor com o objetivo de detectar os sinais que frequentemente são manifestados em sala de aula.

Na escola, muitas vezes, a criança, o adolescente e o adulto são discriminados e emocionalmente agredidos, pois não apresentam o desempenho escolar esperado; no entanto, o responsável por tal situação pode estar no ambiente que o envolve, e em outras situações também, como as dificuldades socioeconômicas e afetivo-culturais, que podem interferir no ato de aprender, independentemente da vontade do aprendiz.

Atualmente é fundamental se pensar a questão de avaliar o que se aprende para uma educação inclusiva. Todos os educadores precisam conhecer, pois, quando mal avaliada, podem trazer grandes prejuízos ao indivíduo, bem como a todos os envolvidos. A importância dada a esses aspectos relacionados com

a aprendizagem para educação inclusiva, tem aumentado significativamente na atualidade. Isso deve-se em grande parte ao fato de que o sucesso do indivíduo está ligado ao bom desempenho escolar. Por isso, avaliar não é um trabalho isolado do professor, um número cada vez maior de crianças é atendido por neuropediatras, neuropsiquiatras, psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogos com objetivo de se promover uma mediação interdisciplinar para que a aprendizagem seja mais plena, contextualizada e significativa no contexto da vida. ●

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

RELVAS, Marta Pires. Fundamentos Biológicos da Educação: Despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2005.

RELVAS, Marta Pires. Neurociência e os Transtornos de Aprendizagem – As Múltiplas Eficácias para uma Educação Inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015, 6ª edição.



MARTA RELVAS

Psicopedagoga. Autora de livros sobre Neurociência e Educação e sobre Transtornos da Aprendizagem publicados pela Editora WAK.



ACADESC[®]

SOFTWARE PARA GESTÃO ESCOLAR

Chegou a hora de mudar sua gestão escolar?

Tenha uma organização dinâmica e flexível com este software, otimizando o tempo despendido nas atividades e aumentando o desempenho de sua equipe!

Experimente!
agora também como
locação!



Conheça alguns benefícios da gestão administrativa do ACADESC: organização e simplificação dos processos da Secretaria, todos os dados do aluno a sua disposição na Ficha cadastral, Histórico Escolar, Boletim e gráfico de aproveitamento, Atas e livro de matrícula, Cadastro de professores, Disciplinas, Comunicados da área pedagógica e muitas outras facilidades!

*Conte ainda com os recursos do sistema para realizar uma boa **gestão financeira**, você irá consultar os planos de pagamentos que são flexíveis e de acordo com a política da instituição, realiza a baixa automática dos títulos, avalia os pagamentos efetuados e o fluxo de caixa, emite relatórios de dados e inadimplência, verifica os **boletos bancários**, aviso de débitos e vários controles através de relatórios.*

Utilize o melhor da tecnologia em sua Escola!

Integrando as informações (boletim, tarefas escolares e comunicados) em um único sistema, o estudante poderá a qualquer momento acessar online seus dados.

Conheça também nossa Interface Web

Diário do Professor

Permite ao Mestre lançar todas as notas na nuvem!

Ele terá a sua disposição:

- Ocorrências do Professor;
- Conteúdo Programático e frequências;
- Notas das provas e trabalhos;
- Fechamento da média;
- Tarefas escolares.

Apoio aos Pais

Nova ferramenta online que permite aos pais acessar o Boletim, Avaliações, Emissão de 2a. via de Boletos de pagamentos, Comunicados da área pedagógica, Informe de rendimentos, tarefas escolares e muito mais.



www.acadesc.com.br

(11) 5012 0004/0422/0181 - 0800 773 0422 - comercial@fannys.com.br



Neuroaprendizagem - estratégias de leitura e escrita

A Neuroaprendizagem é um segmento das Neurociências, que trata da forma como o cérebro aprende. Neurociência é um termo que reúne as disciplinas biológicas que se debruçam sobre o sistema nervoso, em sua anatomia e fisiologia cerebral relacionado com semiótica e linguística, e demais disciplinas que explicam o comportamento, o processo de aprendizagem e cognição humana.

Na fase da alfabetização, o trabalho de Consciência Fonológica é essencial, pois, a capacidade de segmentar a fala em seus sons constituintes permitirá a aquisição da correspondência grafema/fonema de forma sistemática para ler novas palavras, o que, por sua vez, leva à construção de unidades de reconhecimento de palavras na memória. A leitura nos remete ao conceito de fonologia; a parte da linguagem que se refere aos sons das palavras e que nos permite segmentar a corrente sonora da fala em sílabas, letras iniciais (aliteração), letras finais e fonemas. Essa habilidade é denominada consciência fonológica ou fonêmica.

Crianças carecem de consciência fonológica que é a base para aprender a ler e ela tem uma forte interferência na aquisição da escrita. A consciência fonológica é a capacidade para refletir sobre os segmentos sonoros das palavras orais. É a capacidade para analisar e manipular segmentos sonoros como sílabas, unidades intrassilábicas e fonemas que integram as palavras. Atividades como contar o número de sílabas, identificar qual a sílaba inicial, final e medial, subtrair uma sílaba, são habilidades de consciência fonológica.

Vislumbrando como a leitura e escrita acontece no cérebro, veremos: A região inferior frontal é a área da linguagem oral. É a zona onde se processa a vocalização e articulação das palavras, onde se inicia a análise dos fonemas. A sub vocalização ajuda a leitura fornecendo um modelo oral das palavras. Esta zona está de uma forma especial ativa nos leitores disléxicos e nos que estão iniciando a leitura.

A área associativa pré-frontal funciona em estreita associação com o córtex motor para planejar padrões complexos e sequências de movimentos. Para ajudar essa função, é conectada à área associativa parieto occipito temporal. Em relação à

linguagem, é nesta região que se encontra a área de Broca; região especial no córtex pré-frontal que contém um circuito necessário para a formação da palavra. Esta área está localizada parcialmente no córtex pré-frontal postero lateralmente e parcialmente na área pré-motora. É onde ocorre o planejamento dos padrões motores para a expressão de palavras individuais.

A região parietal temporal é a área onde se faz a análise das palavras, se realiza o processamento auditivo do som, a correspondência grafo fonética, a segmentação e a fusão silábica e fonética. Esta leitura analítica processa-se lentamente; é a via utilizada pelos leitores iniciantes e disléxicos. Essa área abrange quatro regiões: de análise das coordenadas espaciais do corpo, área para o processamento inicial da linguagem (leitura), área para compreensão da linguagem e área para a nomeação de objetos. Estas duas últimas são essenciais para a atividade linguística.

A região occipital temporal é a área que processa o reconhecimento visual das palavras, onde se realiza a leitura rápida e automática. É a zona para onde convergem todas as informações dos diferentes sistemas sensoriais, onde se encontra armazenado o modelo neurológico da palavra.

Na parte mais lateral da região anterior do lobo occipital e da região posterior do lobo temporal está uma área responsável pela nomeação dos objetos. Estes nomes são aprendidos principalmente através da audição, enquanto as naturezas físicas dos objetos são aprendidas principalmente através da visão. Por sua vez, os nomes são essenciais para a compreensão da linguagem (funções realizadas pela área de Wernicke localizada imediatamente superior à região auditiva de “nomeação” e anteriormente à área de processamento da palavra visual).

A área de Wernicke, situada no lobo temporal, é um processador de sons que os reconhece para que sejam interpretados como palavras e sejam utilizados, posteriormente, para evocar conceitos. É a área de compreensão da linguagem, já que não é um selecionador de palavras, mas parte do sistema necessário para implementar os sons na forma de representações internas auditivas e sinestésicas que dão apoio às vocalizações. Por esse

motivo, a área de Broca trabalha em associação estreita com a área de Wernicke.

Este modelo contém a informação relevante sobre cada palavra, integra a ortografia, a pronúncia e o significado. Quanto mais automaticamente for feita a ativação desta área, mais eficiente se torna o processo da leitura. Os bons leitores utilizam este percurso rápido e automático para ler as palavras. A base desse processo, sob o ponto de vista neural, abrange cinco etapas:





A consciência fonológica é a capacidade para refletir sobre os segmentos sonoros das palavras orais

incluindo representação visual e auditiva, representadas na área occipito temporal, porção mesial do temporal e inferior do frontal no hemisfério esquerdo.

5ª. Processamento Semântico responsável pelo julgamento e a generalização semântica usadas na palavra escrita, nas regiões temporais e frontais.

O aprendizado da leitura também depende do envolvimento de outras áreas, bem como a área visual mais específica, denominada parietal que se encarrega em reconhecer as formas visuais das letras. Essa área deve se relacionar com a área temporal verbal que produz os sons para que possamos fonar as letras, sílabas e palavras escritas.

Grupos de letras que aparecem frequentemente juntas (por exemplo, sílabas e palavras) ativam grupos específicos de neurônios, que por sua vez aumentam a conectividade entre todos os neurônios envolvidos no reconhecimento das diversas letras. Dessa maneira, esses novos neurônios aprendem a reconhecer as sílabas e as palavras escritas.

Quando nascemos, o hemisfério direito está mais preparado para captar informações do que o hemisfério esquerdo, por isso, as crianças entendem o mundo pela linguagem emocional e nós entendemos tão bem as crianças porque esta já foi nossa principal forma de comunicação um dia. Isto acontece porque o processo de mielinização ocorre primeiro no hemisfério direito. A mielinização é como se fosse uma “capa” dos neurônios que faz com que a informação seja transmitida mais rapidamente, sendo um importante sinal de desenvolvimento e maturidade do Sistema Nervoso.

Somente a partir dos três anos de idade é que o corpo está desenvolvido o suficiente para que o hemisfério esquerdo comece a entrar em ação e a comunicação possa ficar mais complexa, envolvendo a linguagem verbal e o processo de simbolização. A leitura de símbolos se faz possível como um todo, adiantando processos importantes no desenvolvimento do raciocínio, tais como as letras que compõem nosso

alfabeto. Entende-se os símbolos e conclui-se a lógica do pensamento: cada letra simboliza um som que, se organizado de determinada maneira, simbolizam sílabas; estas sílabas produzem outros sons que, se distribuídos de uma forma ou de outra, representam palavras; cada qual com seu som e significado. Aos poucos, com cada um desses aprendizados possibilitados pelo desenvolvimento do hemisfério esquerdo e de suas conexões neuronais (reforçadas pela repetição e pela memória) a criança vai compondo uma nova forma de se comunicar com o mundo.

Os hemisférios em consonância favorece o processo de aprendizagem, em crianças especiais ainda mais, pois o concreto para elas é essencial. A criança nessa fase ainda precisa das imagens para fazer associações com os sons. A estimulação se dá nos dois hemisférios cerebrais da criança: o hemisfério direito, a partir da leitura de imagens e o hemisfério esquerdo, no trabalho com as letras. Então, durante todo o tempo da atividade, diferentes áreas cerebrais são ativadas.

Ao utilizar na clínica psicopedagógica esse formato de trabalho constatei inúmeros avanços em crianças com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, dislexia, disortografia, transtorno do espectro autista, síndrome de down, paralisia cerebral e microcefalia.

Este é um material que ajuda no processo de alfabetização, pois tem como objetivo trabalhar a consciência fonológica fazendo a relação de imagens com sons das palavras. Neste livro vocês encontrarão um pequeno constructo teórico e atividades de estimulação, que dizem respeito ao desenvolvimento do realismo nominal (forma de conceber as palavras que não as considera como designações arbitrárias, independentes do tamanho, da aparência ou da utilidade dos objetos, seres ou estados que designam) e consciência fonológica (rimas e aliterações, consciência silábica) e favorecem avanços no desempenho da leitura e da escrita.

O material é separado por volumes perpassando pelo trabalho do realismo nominal e consciência fonológica, como rimas e consciência silábica. No primeiro volume relaciono as consoantes apenas com a vogal /a/, no segundo introduzo a vogal /o/ e assim as vogais vão sendo apresentadas para ampliação de vocabulário. ●



ROBERTA CLARO

Autora do livro
“Neuroaprendizagem: estratégias de leitura e escrita” (wak editora).
Psicanalista, Neuropsicóloga,
Psicopedagoga.

1ª. Processamento Visual da Palavra ativa-se o córtex temporal e Processamento Ortográfico Lexical que ativa o córtex frontal.

2ª. Processamento Fonológico ativa-se o córtex parietal esquerdo (porção inferior).

3ª. Processamento Fonológico Lexical e as áreas responsáveis são o giro temporal posterior superior, a ínsula esquerda e o córtex frontal inferior.

4ª. Processamento Fonológico Sublexical envolvendo vários tipos de tarefas



Diversidade:

compromisso pedagógico da escola



freepik.com

Este artigo é inspirado no livro “Diversidade: compromisso pedagógico da escola” (Wak Editora), e também tem como referência pesquisa sobre “Saúde social: diversidade, inclusão, resiliência” apoiada pela UERJ/CNPq.

A escola é lugar de formação de valores e conteúdos necessários à vida e, nela, à convivência e, portanto, ao viver com “o outro”, seja em ambientes educativos, seja em ambientes de família, seja em ambientes sociais, de modo geral. Nesses ambientes, é desejável que as relações sejam positivas, pois só assim serão saudáveis.

Relações positivas requerem, portanto, solidariedade, valorização, partilha, que, na escola, ocorre frequentemente, em grupos de estudos e trabalhos. Nesses grupos, a inclusão é fator necessário e valioso para processo e o alcance dos resultados e objetivos dos grupos.

Podemos, então, afirmar novamente o valor, pessoal e social, de conviver de forma positiva com o “o outro”, que poderá ser diverso de nós, em suas características e formas de ser, assim como são diversos os elementos da natureza, que compõem o cenário de plantas e animais, a serem cuidados, em favor da própria preservação da vida humana.

Da mesma forma, devem ser cuidadas as relações entre os países, respeitando-se e valorizando-se a diversidade de suas culturas, suas etnias e, sobretudo, respeitando-se seus povos e, neles, o seu sentimento de nacionalidade. É por esse sentimento que cada país tem reverenciado sua bandeira e seu hino, diversos em suas cores e seus cantos, mas semelhantes no desejo de paz e prosperidade. Esse desejo terá, com certeza, mais possibilidades de serem realizados através de políticas e práticas de união e colaboração, de modo que a diversidade não se traduza em antagonismos.

A paz é indispensável à saúde. Por isso, construímos dois conceitos: o de saúde social, com fatores de valorização da convivência com a diversidade que existe em nosso entorno, e vírus social, com fatores de exclusão, discriminações e até violências, que contaminam e adoecem os indivíduos e a sociedade. A formação de alunos, docentes e famílias para a convivência com a diversidade torna-se, por conseguinte, um compromisso pedagógico da escola. ●



MARY RANGEL

Professora e pesquisadora da UFF, da UERJ e do UNILASALLE, RJ. Autora do livro “Diversidade: compromisso pedagógico da escola”



TARIFA ZERO

Para Vale Refeição e Vale Alimentação.



Com a parceria da **Klima Corretora** junto ao **SIEEESP**, os benefícios mais desejados pelos funcionários estão com condições imperdíveis.



Gestão
100% online



Segurança



Praticidade

Solicite uma proposta.

Entre em contato com a Klima:

11. 5087-6522

www.klimaseguros.com.br



KLIMA
CORRETORA DE SEGUROS



O Orientador Educacional e a Inclusão



freepik.com

O mundo vivia a era da Revolução Industrial quando a Orientação Educacional chegou ao Brasil, por volta de 1924, trazida pela tendência tecnocrata da divisão do trabalho, que então imperava. Por isso, também, a orientação se dirigia primordialmente para o campo vocacional (Orientação Vocacional, hoje Profissional), procurando obter o melhor rendimento humano em suas tarefas.

Somente em 1968 foi reconhecida como profissão, pela Lei nº 5.564 de 21 de dezembro de 1968, regulamentada pelo Ministério da Educação através do Decreto-Lei nº 72.846, de 26 de setembro de 1973. Nesse período construiu seu arcabouço teórico, produziu pesquisas acadêmicas e ocupou seu espaço dentro e fora da escola.

Teve sua importância reconhecida através da LDB 5.692/73, que registrava

sua obrigatoriedade (Art. 10), infelizmente suprimido pela atual 9394/96. São quase 100 anos de existência e 50 anos, a completar em 2018, como profissão reconhecida por lei na área educacional.

Nesse trajeto, tanto no campo teórico como no prático, muita coisa mudou, transformou-se naturalmente pela evolução e alguma coisa pode até ter se perdido. Mas o que ainda fica registrado é sua presença em inúmeras instituições, que experimentaram e, por isso, acreditam no diferencial proporcionado por este profissional atuando em sua equipe pedagógica.

Muitos Estados da federação ainda promovem concursos públicos para admitir esse profissional assim como relevante parcela da rede privada ainda o tem em seu corpo técnico-pedagógico. O que justifica sua presença nas escolas, como afirma Grinspum (2018), é a crença de que “para o Orientador Educacional não há tempo a perder, face à demanda das instituições de ensino, por ser o parceiro reflexivo e integrador”.

O paradigma da Revolução Industrial estabeleceu compartimentos, não só no modelo fabril, mas para todos os setores, tais como: asilo para velhos, hospital para doentes, escola para crianças. Isso foi particularmente cruel para este último segmento, ao estabelecer escola para alunos padronizados e escolas para alunos fora do padrão. (Gomes, 2014)

Essa divisão segregária perdeu força a partir dos movimentos de reflexão sobre as diversas leis a respeito da “inclusão”, criadas ao longo dos anos em todo mundo. Com isso, a ênfase na padronização começou a ser minimizada, buscando priorizar a inclusão como uma meta a alcançar.

Todos os documentos legais a esse respeito, emitidos antes de 1994, já levavam o mundo a repensar sua prática pedagógica em relação às crianças com necessidades especiais, provocando alterações em seus sistemas de ensino.

Nossa Constituição Federal de 1988 trouxe alguns artigos sobre os direitos à educação, “garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”. Porém, levou-se um certo tempo para que o estabelecido no Art. 206, como um princípio para o ensino - “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” - começasse de fato a ser aplicado nas escolas regulares do país. E ainda mais difícil tem sido aplicar o Art 208, que garante como dever do Estado - “III – Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Mesmo tendo a Constituição/88 estabelecido os direitos cidadãos, o Brasil continuava com a dicotomia escolar: - a escola para os alunos típicos e a para os atípicos- sem se importar muito com aqueles com dificuldades que ficavam fora da escola.

Mas em 1994 aconteceu a Conferência Mundial de Educação Especial sobre Necessidades Educacionais Especiais, firmada como Declaração de Salamanca, que o Brasil participou.

Essa Conferência reafirma o compromisso para com a “Educação para Todos” (documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco 1990) e reconhece a necessidade de providenciar educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

Como o Brasil é um dos países signatários¹, a Declaração de Salamanca provocou repercussão mais consistente, pois dois anos depois foi promulgada a nova LDB (a 9394/96) trazendo em seu bojo um capítulo dedicado à educação especial.

Tanto para as escolas como para os docentes era uma situação nova e desconhecida porque, até então, as instituições só trabalhavam com alunos ditos “típicos” que ainda atendiam aos ditames da revolução industrial.

Diversas leis municipais, estaduais e federais foram editadas no Brasil para defender o direito das pessoas com deficiências, inspiradas na Constituição Federal de 1988. De modo geral, asseguram ao aluno com deficiência o direito de receber, na classe da escola comum, todo atendimento específico que necessitar, o que ainda está um pouco longe de acontecer de fato.

Essas leis expressam os anseios do legislador para que a inclusão se efetive. Mas a realidade do país torna difícil executar o que a lei determina, já que no âmbito do executivo o apoio necessário é dificultado pela escassez de recursos.

Pesquisadores americanos como Snell e Downing(1996) publicaram pesquisas que revelaram dados importantes quanto ao progresso das crianças assistidas em salas regulares. Sinalizaram os ganhos cognitivos e sociais que as crianças especiais passaram a ter a partir do convívio com outras crianças ditas normais em sala de aula não segregadas. Segundo eles, isso pode ser justificado pela diversidade

de pessoas, metodologias educacionais, interação social com crianças ditas típicas, pela possibilidade de construir ativamente conhecimento e pela aceitação social(criança não tem preconceito) pela modelação comportamental e o consequente aumento da autoestima dessas crianças.(Gomes, 2014, p.21)

Foi preciso ser outorgada a Lei 13.146/15, que entrou em vigor em 3 de janeiro de 2016, para que as escolas acordassem e se vissem na obrigatoriedade de aplicar os ditames da referida lei. Por isso, pode-se dizer que essa lei representa um marco na abordagem social e jurídica, tanto do portador de deficiência física quanto mental.

Após sua decretação pode-se dizer que a “inclusão” chegou de fato e de direito às escolas, provocando uma mexida em seu sistema, um arranjo nos seus regimentos internos com explanação sobre como seria o manejo com a inclusão em cada instituição de ensino.

A “inclusão” chegou de fato e de direito às escolas, provocando uma mexida em seu sistema

A Orientação Educacional já vinha trazendo para si a incumbência dos primeiros passos nesse acolhimento, buscando conhecimento pertinente às necessidades particulares desses alunos, bem como formas de facilitação desse processo. Isso a tornou mais apta a atender essa nova demanda, na cena educativa.

A atuação dos OEs nesse aspecto foi um processo natural pois a maioria dos Orientadores Educacionais identifica-se com a ideia de escola inclusiva, onde todos – e cada um – encontrem resposta para aprender, construir competências e desenvolver capacidades, independentemente da sua situação pessoal, social, cultural, econômica ou de qualquer outra ordem.

Esse é um desafio cuja concretização exige alterações profundas na organização do sistema educativo, nomeadamente, ao nível dos currículos, do número de alunos por turma, e da quantidade de recursos humanos disponíveis, bem como

a sua adequada qualificação para dar resposta às reais necessidades das escolas e dos seus alunos.

É óbvio que a mudança desejada impõe disponibilidade e uma alteração profunda de mentalidades, indispensáveis ao sucesso de qualquer grande mudança.

Mas, ainda, um efetivo investimento na Educação, condição, sem a qual, a mesma não se concretiza. Exige que todos os docentes tenham acesso à formação – inicial, contínua e, alguns, especializada – adequada a um exercício profissional em contexto de inclusão, o que, desde logo, pressupõe práticas de diferenciação pedagógica em sala de aula.

Entende-se que todos os docentes deverão ser implicados em processos de formação (sem que, daí, resulte ainda maior sobrecarga horária e de trabalho), mas esta deverá desenvolver-se em contexto real de sala de aula / turma e não, como habitualmente acontece, em ações meramente teóricas, tantas vezes, desfasadas da realidade.

Considera-se que a gestão flexível do currículo é uma importante estratégia no sentido de garantir a existência de respostas que contemplem a diversidade de alunos que frequentam as escolas. Mas, nesse aspecto, se tem alguns obstáculos: - o vestibular, ENEM e ranking que afastam as escolas da inclusão, apesar do aspeto legal, tornando também difícil a diferenciação pedagógica e a flexibilização curricular, tão fundamentais para o sucesso de qualquer aluno, ainda que alguns necessitem de um apoio mais específico que lhes permita acompanhar o currículo que é apresentado, sendo, estas, estratégias e não medidas educativas.

Não obstante os Orientadores Educacionais terem diminuído bastante as publicações académicas do seu campo de trabalho, sabe-se que ele continua atuando, construindo ciência própria a partir do intercâmbio de leitura que realiza sobre outras ciências, tais como: a Neurociência, Neuropedagogia, Psicopedagogia e a Psicologia do Desenvolvimento.

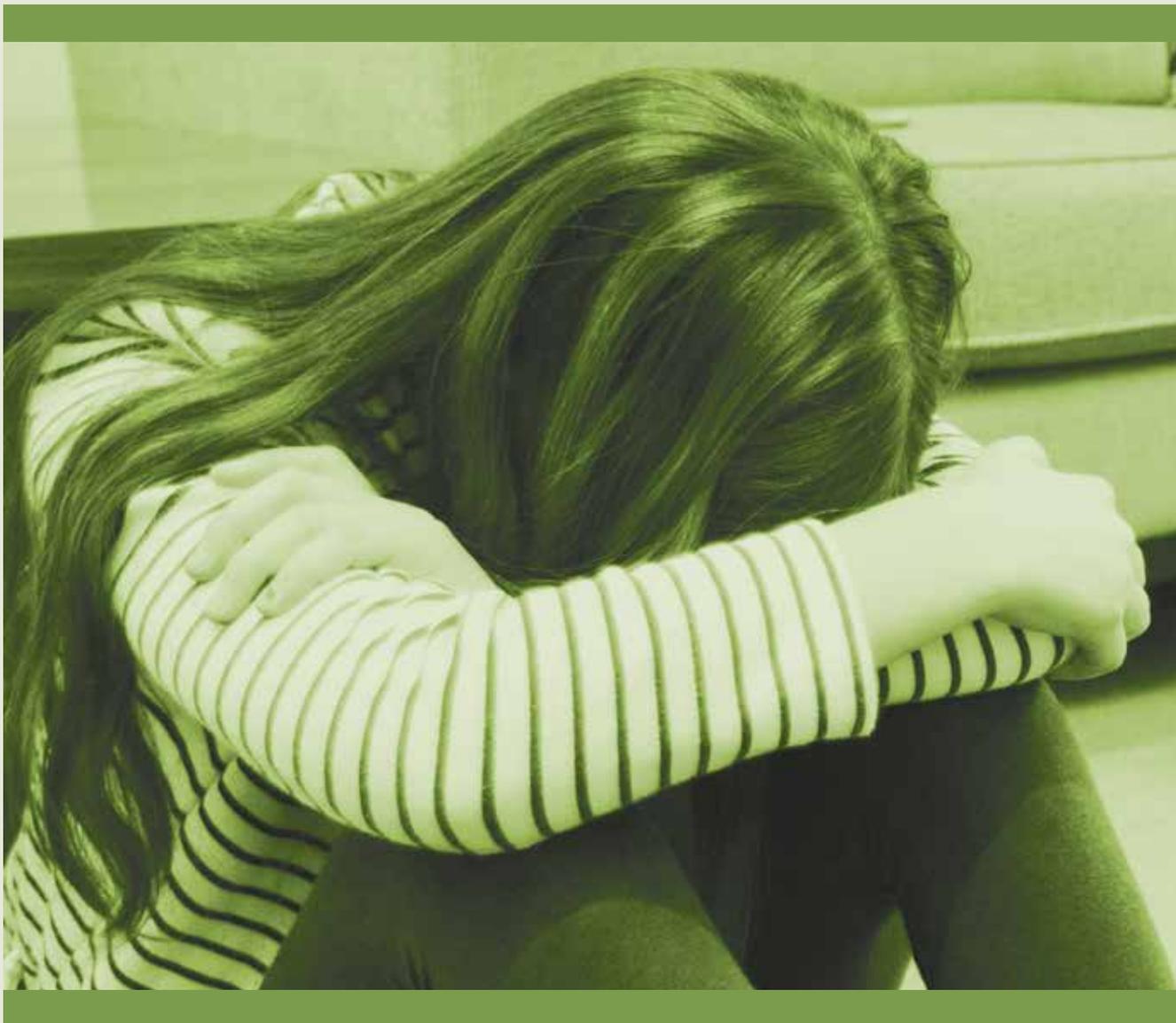
Em função disso, é possível afirmar que há um corpo teórico a iluminar sua prática, no acolhimento e amparo não só do aluno de inclusão, sua família, seu mediador (quando necessário) e ao próprio docente, contribuindo na construção do projeto de inclusão que está sendo instituído no Brasil. ●



MARISE MIRANDA GOMES

Pedagoga e autora do livro “O Orientador Educacional, o Mediador Escolar e a Inclusão – um caminho em construção” (Wak).

¹ Quando se diz que determinado país é signatário, significa que esta nação subscreveu a algum tipo de manifesto, contrato, acordo, carta ou outro documento com o qual concorda com o conteúdo apresentado. Por exemplo, o Brasil é signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.



freepik.com

O QUE MOTIVA OS ATAQUES DE BULLYING E CYBERBULLYING?

A psicóloga Maria Tereza Maldonado, com base em sua análise de pesquisas de diversos países e de sua vasta experiência profissional como psicoterapeuta e consultora, afirma que muitas pessoas conseguem construir a felicidade no dia a dia, apesar de passarem por grandes dificuldades. Em contraposição, há pessoas que se especializam em construir a infelicidade, nutrindo mágoa, desejos de vingança e praticando ações cujo objetivo é agredir e atormentar outras pessoas. Aí se enquadram os padrões de agressão que caracterizam o bullying e o cyberbullying. Os ataques podem atingir áreas vulneráveis de muitas pessoas, levando ao desespero e intensificando crises de ansiedade e depressão, além de prejudicar o rendimento escolar. Porém, é preciso

parar para pensar: O que fazemos com o que fazem conosco? Podemos escolher entre mergulhar no desespero e fortalecer nossos recursos para encontrar uma saída para os problemas reforçando, a percepção dos riscos e a autoproteção.

O que motiva esses ataques?

Fundamentalmente, o desejo de conquistar poder e popularidade. Como na gangorra, para alguém ficar “por cima” precisa colocar outros “para baixo”. Muitas pessoas fazem esses ataques para esconder uma baixa autoestima. E há também as que já sofreram ataques e querem passar para o outro lado: “Já fui uma vítima, agora quero fazer muita gente sofrer”.

Ao demonstrar capacidade de intimidar, humilhar, excluir do grupo, atacar

física ou psicologicamente, causando sofrimento e angústia nos colegas, o autor dos ataques sente um prazer perverso (“É bom ser mau”, como declarou um menino de dez anos). Exerce liderança e mantém popularidade na medida em que conquista muitos seguidores (nos ataques presenciais e/ou virtuais) que obedecem aos seus comandos para manter o “privilégio” de pertencer ao seu grupo.

Há, portanto, capacidade de liderança, mas que está sendo exercida de forma inadequada. Por isso, nos programas de combate ao bullying, é preciso criar estratégias para que essa capacidade se transforme em liderança servidora, para fazer o melhor para si mesmo e para os outros. Há ex-autores que passam a liderar campanhas de sensibilização para

reduzir a incidência de episódios de bullying/cyberbullying.

O bullying sempre existiu. Não há, atualmente, uma preocupação exagerada com isso?

É verdade que o bullying sempre existiu, em todas as classes sociais, em escolas públicas e privadas, mas era considerado uma brincadeira de crianças. O olhar mudou: agora é visto como um padrão de agressão. O bullying se caracteriza por ações repetitivas de agressão física e/ou verbal em uma relação desigual de poder, com a clara intenção de prejudicar os alvos dos ataques. Com o aprofundamento das pesquisas, observou-se que esses padrões de agressão, quando não são modificados no decorrer da adolescência, podem prosseguir na vida adulta, gerando maior incidência de episódios de violência intra-familiar e de assédio moral no trabalho.

Com a internet, surgiu o cyberbullying, que agravou o problema: os ataques podem acontecer 24 horas por dia nos sete dias de cada semana, atingindo uma plateia gigantesca em segundos. Os ataques podem partir de um agressor desconhecido, que utiliza um perfil falso (“a face oculta”) mas, atualmente, com a grande disseminação das redes de ódio, grande parte dos que atacam se apresentam com sua identidade real. Isso tem acontecido em grande escala nos grupos de whatsapp.

Os efeitos do cyberbullying são diversificados. Há quem fique desmoralizado, deprimido, arrasado; outros superaram o problema mais rapidamente. Depende também do tipo de agressão ou difamação: desde uma simples fofoca até o compartilhamento de fotos/vídeos íntimos.

Às vezes ocorre falta de informação com o conceito: o bullying se refere a padrões repetitivos de agressão. Muitos educadores comentam que há pais que se queixam porque, em um determinado dia, um colega empurrou o filho ou o xingou. Mas esses episódios isolados de agressão não constituem prática de bullying.

Por fim, vale ressaltar que a mudança de olhar gera mudança de pensar e de agir sobre determinadas situações. Antigamente, para disciplinar os rebeldes, os pais podiam espancar os filhos e os professores podiam usar a palmatória, colocar a criança de castigo olhando para a parede ou ajoelhada no milho. Atualmente, essas práticas são consideradas violentas e, portanto, inaceitáveis. Da mesma forma, o bullying deixou de ser visto como brincadeira de crianças e passou a ser considerado um padrão de agressão inaceitável.

Nos livros A face oculta – uma história de bullying e cyberbullying (ed. Saraiva) e Bullying e cyberbullying- o que fazemos com o que fazemos conosco (ed. Moderna), a senhora escreve sobre a importância de distinguir entre brincadeiras saudáveis e os ataques repetitivos. Quais os principais aspectos dessa diferença?

Gostaria, em primeiro lugar, de dizer o que me motivou a escrever esses dois livros. Em meu trabalho como palestrante e psicoterapeuta, acompanhei inúmeros casos de bullying e de cyberbullying. Como gosto de escrever paradidáticos, reuni os episódios mais representativos e construí uma história baseada em situações reais. Daí surgiu A face oculta, um livro que vem sendo adotado por muitas escolas para sensibilizar os alunos da quinta à nona série para essa questão. Continuando o trabalho com palestras e conversas com alunos que leram o livro, percebi que o conceito de bullying nem sempre era bem entendido e, por isso, senti necessidade de escrever outro livro sobre o tema, abordando aspectos teóricos, exemplos práticos e apresentando ideias para construir um programa de prevenção. Daí surgiu Bullying e cyberbullying, destinado a educadores, pais e alunos do ensino médio.

A maioria dos autores de bullying/cyberbullying dizem: “Eu só estava brincando, eles é que não sabem brincar”. Porém, nas brincadeiras saudáveis todos se divertem. Quando uma pessoa ou um grupo se diverte humilhando, colocando apelidos depreciativos, intimidando, ameaçando, xingando e agredindo física e/ou verbalmente de modo sistemático, provocando angústia e sofrimento, isso não pode ser considerado brincadeira. É um padrão de agressão. Então, a questão a ser colocada é: Que outros tipos de brincadeira podem ser criados? Como desenvolver redes de relacionamentos baseadas no respeito pelos outros?

A sociedade estimula esse tipo de agressividade?

Muito. As redes de ódio proliferam na internet, distorcendo o conceito de liberdade de expressão. Há tempos, o Ministério da Justiça divulgou o cartaz: “Discurso de ódio não é liberdade de expressão, é crime!” É possível discordar dos outros sem xingar, ofender, humilhar. Tenho visto troca de mensagens extremamente agressivas entre adolescentes. São ataques impiedosos, considerados como linguagem normal. “É desse jeito que as meninas se comunicam hoje em dia” – disse a mãe de uma delas, entre horrorizada e conformada. O nível

de intolerância está alto: mesmo entre adultos, a discordância de opiniões sobre política, futebol e outros temas está dando margem a mensagens ofensivas, grosseiras e violentas, imediatamente replicadas ao infinito nas redes sociais, gerando polêmicas em que a opinião dos outros é desqualificada sem ser sequer adequadamente ouvida, acentuando a polarização e a radicalização na divisão entre “nós” e “eles”.

Nas palestras para educadores, ouço muitos relatos de tratamento agressivo e desrespeitoso por parte dos próprios alunos e suas famílias, quando não aceitam uma nota baixa ou uma advertência. Nas palavras de uma professora: “Antigamente, nós éramos respeitados, agora nós somos peitados”. Se as famílias tratam os professores de modo agressivo e desrespeitoso, os alunos se sentem autorizados a fazer o mesmo. E, como psicoterapeuta de famílias, observo a alta frequência de ações desrespeitosas entre pais e filhos, assim como entre irmãos. Isso é confundido com “espontaneidade”. A noção de hierarquia se diluiu com questionamentos desaforados em que a linguagem violenta é considerada normal e aceitável. Não é.

Vale ressaltar que a maioria dos ataques de bullying/cyberbullying surge a partir dos preconceitos vigentes na sociedade e dos padrões de beleza impostos: pessoas são atacadas por conta da cor da pele, por não estarem acima do peso, por serem muito altas ou muito baixas ou por não possuírem os objetos de consumo valorizados (celular “jurássico”, roupas fora de moda). Por outro lado, a inveja também motiva ataques: pessoas muito inteligentes, extremamente belas, que se destacam (incluindo as “celebridades”) costumam ser escolhidas como alvos a serem “demolidos”.

Como perceber que uma criança está sofrendo bullying na escola?

Corpo e mente estão sempre em interação. Os ataques de bullying podem gerar angústia intensa que se manifesta por sintomas físicos, tais como dores de cabeça e de estômago, batimentos cardíacos acelerados, suor frio nas mãos, diarreia. Há também mudanças de comportamento em função do estresse provocado pelos ataques: maior irritabilidade, alteração de sono e de alimentação, dificuldade de concentração, baixa de rendimento escolar, medo de ir para a escola e/ou de checar as mensagens no celular, evitar o contato com colegas, isolar-se e não querer ir aos eventos sociais do grupo. Quando, no livro Bullying e cyberbullying coloquei como subtítulo



“O que fazemos com o que fazem conosco” quis enfatizar que não há apenas um padrão de reação aos ataques. Há quem fortaleça seus recursos internos para não se deixar abater pelos ataques; há quem saia da posição de vítima para se tornar um agressor; em casos extremos, a vergonha se transforma em desespero e em desesperança de encontrar outra saída que não seja o suicídio; há casos igualmente extremos em que o sentimento de humilhação se transforma em ódio e desejo de aniquilar não só os agressores como também quem estiver pela frente naquele momento. Infelizmente, episódios de adolescentes que matam colegas e professores estão acontecendo em alguns países, inclusive no Brasil.

As escolas estão criando programas de combate ao bullying e ao cyberbullying? São eficientes? Caso não sejam o que falta?

Embora algumas escolas estejam desenvolvendo programas bem-sucedidos, inseridos dentro do projeto psicopedagógico e de longa duração, essa não é a realidade da maioria das escolas, apesar da aprovação da lei 13.185 de 2015 que torna obrigatório o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

Os programas bem-sucedidos se fundamentam no desenvolvimento das habilidades socioemocionais: empatia, respeito pelos outros, cooperação, solidariedade, autorregulação da raiva (“aprender a tomar conta da raiva antes que ela tome conta da gente”), comunicação não-violenta, gerenciamento de conflitos. É preciso trabalhar com toda a rede de relacionamentos, que é dinâmica: os que atacam, os que são atacados e os que presenciam e/ou participam. Quem faz ataques já pode ter sido alvo de violência; quem é atacado pode vir a atacar; quem presencia poderá ser alvo ou fazer ataques.

Há aspectos importantes a serem trabalhados com todas essas pessoas. Quem ataca precisa desenvolver empatia e respeito, usar positivamente sua capacidade de liderança, canalizar sua energia agressiva para desenvolver assertividade e persistência para vencer obstáculos. Quem é atacado precisa aprender a se colocar com firmeza, fortalecer a autoconfiança, ampliar a rede de amigos, buscar ajuda pertinente. A “plateia” omissa ou cúmplice das agressões pode ser sensibilizada para entender a gravidade do problema e tornar-se um pilar básico no sentido de desestimular e neutralizar as ações de quem faz ataques e criar uma rede protetora para quem sofre.

Além da rede de relações entre os alunos é essencial envolver todos os profissionais da escola nessa sensibilização, para que possam perceber e atuar no sentido de mostrar que as ações de bullying/cyberbullying são inaceitáveis. Muitos episódios acontecem no pátio do recreio, no ônibus escolar, nos banheiros, longe do olhar dos professores mas no radar de faxineiras, motoristas e porteiros.

A adesão das famílias também é fundamental: há pais que não querem admitir que seus filhos são autores de bullying ou não percebem quando os filhos sofrem ataques. Confundem o conceito de “respeito pela privacidade” e não sabem o que os adolescentes fazem na “praça cibernética”, esquecendo que são amorosa e legalmente responsáveis pelas condutas antissociais dos seus filhos menores de idade. Há algumas escolas que estão adotando a prática de um contrato com a família no momento da matrícula, esclarecendo que as ações de bullying/cyberbullying são inadmissíveis e que há um projeto contínuo de prevenção, que envolve consequências cabíveis aos reincidentes.

Educar dá trabalho, tanto para a escola quanto para as famílias. Mas vale a pena construir um ambiente de convívio escolar que estimule o relacionamento respeitoso e a alegria de aprender.

Em seu livro mais recente, *Construindo a felicidade – a ciência de ser feliz aplicada no dia a dia* (ed. Ideias & Letras), a senhora afirma que, mesmo em situações difíceis, é possível descobrir caminhos para a construção da felicidade. De que forma crianças e adolescentes vítimas de bullying e cyberbullying podem transformar o problema em algo positivo?

Nesse livro, examino as principais pesquisas sobre a possibilidade de construir felicidade no dia a dia, além de incluir depoimentos de 190 pessoas que entrevistei em cidades de todas as regiões do Brasil. Convém esclarecer que felicidade não é um estado permanente de euforia e nem significa ausência de problemas. A vida nos apresenta desafios e precisamos criar recursos para enfrentá-los. Nesse sentido, é importante encarar os problemas como oportunidades para criar recursos que nos possibilitem viver melhor.

Desenvolver recursos de autoproteção e percepção dos riscos na rede é essencial e, para isso, é preciso contar com o trabalho da parceria família-escola. Mensagens do tipo “Mande nudes” são frequentemente enviadas e muitas

adolescentes aceitam esse “convite” sem pensar nas consequências. Refletir sobre que tipo de ações fazem com que a pessoa se transforme em alvo de ataques é essencial para prevenir problemas ou para evitar que surjam novas dificuldades.

Perceber que as fotos de “felicidade permanente” nas redes sociais não refletem a realidade é outra forma de autoproteção. Nem sempre “a grama do vizinho é muito mais verde”. Em Construindo a felicidade, cito pesquisas que mostram que muitos adolescentes se sentem infelizes quando se comparam aos que são mais “populares” por terem um grande número de seguidores e de curtidas. Muitas meninas se sentem inferiorizadas quando se comparam com o corpo perfeito da “blogueira fitness” que mais admiram. Como a maioria está sempre conectada, torna-se difícil distinguir entre o que acontece na realidade e o que aparece nas redes sociais. O virtual é percebido como real e o que acontece de fato no dia a dia perde na comparação.

No Brasil, a ONG Safernet oferece gratuitamente um canal de ajuda e orientação para crianças e adolescentes que estão passando por problemas na Internet, nas diversas manifestações de violência online. Isso pode ajudar a transformar problemas em oportunidades.

Construir a felicidade é uma habilidade que pode ser treinada a partir de uma decisão pessoal de cultivar hábitos que promovem o bem-estar. As pesquisas em neurociência mostram que os pensamentos que nutrimos, as ações que praticamos e a qualidade de nossos relacionamentos modificam os circuitos neurais em nosso cérebro e ativam hormônios do estresse ou do bem-estar. É comum ouvir comentários do tipo “ela tem tudo para ser feliz e vive insatisfeita” ou, ao contrário, “não sei como ela consegue manter o bom humor com todos os problemas que enfrenta”. Não são as condições externas da vida que determinam o grau de felicidade e, sim, o que fazemos com o que encontramos pela frente. Podemos escolher o que fazer com o que fazemos conosco. Por isso, é importante olhar os problemas como oportunidades de desenvolver novos recursos, em vez de nos desesperarmos com eles e achar que não há saída. ●



MARIA TEREZA MALDONADO
Psicóloga, escritora e palestrante.
www.mtmaldonado.com.br



Tenha a **Cultura Inglesa**
dentro da sua instituição de ensino,
da educação infantil ao nível superior.

Com o **Cultura In**, sua instituição passa a contar com
o melhor curso de inglês do mercado

- Cursos próprios, desenvolvidos pelos nossos experientes profissionais (educadores, pedagogos, professores, especialistas em tecnologia);
- Conteúdos constantemente atualizados com base em extensivas pesquisas de mercado e tendências em ensino de línguas;
- Aulas desenvolvidas pensando nas necessidades do aluno brasileiro.
- Centro preparatório e aplicador de exames de proficiência internacionais.

Conheça o Holiday Club: o programa de férias para crianças de 6 a 9 anos,
com atividades que fazem a criança aprender brincando.



**Para mais informações,
entre em contato conosco:**

culturain@culturainglesasp.com.br

Tel. (11) 3039-0533



Síndrome de Down

Se todos estiverem preparados para trabalhar, receber, lidar com a pessoa com Síndrome de Down os resultados serão muito positivos

A Síndrome de Down é uma condição genética e recebe o nome em homenagem a John Langdon Down, médico britânico que descreveu a síndrome em 1862. A sua causa genética foi descoberta em 1958 pelo professor Jérôme Lejeune, que descobriu uma cópia extra do cromossomo 21. É o distúrbio genético mais comum, estimado em 1 a cada 800 ou 1000 nascimentos.

Os seres humanos têm 46 cromossomos e as pessoas com Síndrome de Down têm um cromossomo a mais, ficando 47 cromossomos. Chamamos também de Trissomia do cromossomo 21, presença de um cromossomo 21 extra total ou parcialmente.

É importante saber que qualquer pessoa pode nascer com Síndrome de Down e que a Síndrome de Down não é uma doença.

Se todos estiverem preparados para trabalhar, receber, lidar com a pessoa com Síndrome de Down os resultados serão muito positivos, sobretudo se houver interesse e propriedade para promover a inclusão. Esse será o primeiro passo para a trajetória escolar e o desenvolvimento futuro dessa pessoa. Os estímulos recebidos nos primeiros anos da educação infantil vão interferir diretamente em toda esta caminhada.

Não podemos esquecer que as crianças com Síndrome de Down aprendem com astúcia e o que aprendem servem como exemplos de comportamento e de conquistas apropriadas para cada idade. Elas podem e devem ter ajuda e apoio adicionais.

As atividades são importantes para qualquer criança e para as crianças com Síndrome de Down elas podem desencadear um ótimo progresso. Algumas dicas: Evite fazer atividades que a façam copiar e ouvir ao mesmo tempo (duplo sentido), isso pode inibir sua habilidade de concentração; Tente canalizar a atenção para uma atividade que dure; Sua aprendizagem pode ser direcionada a atividades que requerem recursos visuais como imagens, figuras, fotos (de sua compreensão e conhecimento); Atividades de comandos, explicações, instruções, circuitos são interessantes; Também para habilidades motoras, auditiva, linguagens, memória, cópia, manuais, utilizar também jogos e materiais de aprendizagem coloridos e chamativos.

Atividades que podem ser:

- **Sensações:** Com um guia fazer com que a criança ande descalça e com olhos vendados em diversos materiais e também com as mãos sentir através do toque.

- **Coordenação motora:** Numa bacia com água vários objetos e cores conhecidos da criança. Uma espátula ou concha ou espuma e pedir para o participante pegar os objetos conforme os comandos verbais.

- **Equilíbrio:** Em grupo, todos segurando uma parte de um tecido (grande), em círculo para equilibrar uma bola em cima. Cada criança segura uma parte do tecido e a proposta é que não permita a bola cair ao chão.

- **Reconhecimento corporal e Lateralidade:** Desenhado, ou pintado, ou colado formatos de mãos e pés, tanto direito

quanto esquerdo e pedir para a criança andar ou tocar as formas (mão e pé), conforme comando de voz do orientador. Para trabalhar a lateralidade, fazer a mesma atividade com o comando dos lados direito e esquerdo, reforçando as formas (mão e pé).

Ex: Toque agora a mão direita...

- **Corpo, Coordenação, Ritmo:** Fazer uma teia de barbante ou elástico e pedir que a criança passe por ela se utilizando o corpo.

A melhor maneira para lidar com qualquer pessoa e a pessoa com Síndrome de Down, É NÃO TER PRECONCEITO. ●



FÁTIMA ALVES

Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente. Fonoaudióloga. Autora dos livros "Para entender a Síndrome de Down", "Inclusão - Muitos Olhares, Vários Caminhos e um Grande Desafio" e "para além da inclusão - afeição, respeito e transformação. Pela Wak Editora.



Col Rama II - Vi Ré SP



Col Salesiano Sta Luzia



Col Sto Americo - Morumbi SP



Col Emile de Villeneuve - São Paulo SP



Cobertoni
Estruturas Metálicas

**QUADRAS - GINÁSIOS - PISCINAS - PASSARELAS - GARAGENS - GALPÕES
PROJETOS ESPECIAIS - TENSIONADAS - FECHAMENTOS - MEZANINOS - RETRÁTEIS - ACM**



Col Nossa Sra. de Misericórdia de Osasco



Paróq Coração de Jesus - São José dos Campos



Col Monfort Objetivo - Itaim Paulista SP



Escola Bakhita - Perdizes SP



Col 4 de Julho - Vila Missionária SP



Col Novo Anglo - Campinas



Col Olivetano - Vi Matilde SP



Col Poliedro - São José dos Campos



Col CLQ - Piracicaba



FÁBRICA
PIRACICABA - SP
(19) 3434-1888
(19) 2532-2127

ESCRITÓRIO
COMERCIAL
SÃO PAULO - SP
(11) 97248-1066



www.cobertoni.com.br
cobertoni@cobertoni.com.br





Escolas que educam com valores agregam mais que cultura à vida dos estudantes



A educação básica é tema recorrente de debates no mundo, especialmente no Brasil, onde estamos diante de discussões cada vez mais acaloradas a respeito deste assunto que divide opiniões. Parece que todos têm conhecimento de Educação e que a recorrência do tema significa desconforto com o que se vê sendo reproduzido historicamente.

Reformas são propostas, pedagógicas são debatidas à exaustão, novos e “velhos” modelos embatem e, de tempos em tempos, vemos ondas diferentes tanto na forma de fazer escola quanto no que avaliamos como importante indicador de uma boa educação. Alguns desejam que a escola dê, aos jovens e crianças, disciplina; outros desejam uma educação forte, cujos indicadores são

É evidente
que a escola, ou
qualquer ambiente
educacional, possui
comprometimento
com o
conhecimento

as aprovações nos vestibulares; outros exigem uma instituição que mantenha os jovens sempre ocupados com diversos projetos e, de preferência, com os estudos; e outros, enfim, desejam uma escola pautada por valores e que ensine valores. Não só tudo isto é desejo de quem matricula seu filho na escola, como é motivo de propaganda para muitas.

É evidente que a escola, ou qualquer ambiente educacional, possui comprometimento com o conhecimento, pois a função social primeira deste espaço e deste trabalho é ensinar algo. É também evidente que toda ação humana, todo trabalho existe permeado de valores que não estão necessariamente explícitos, por mais que às vezes alguns valores sejam comunicados, mas soa descabido



freepik.com

que haja escolas e educadores que compreendam que o conhecimento seja uma coisa em si mesma, isenta de valores outros que não o próprio conhecimento; e, quando se pensa assim, uma consequência disso pode ser o distanciamento do saber do conteúdo ético.

Há escolas que possuem valores claramente inseridos na missão educativa, que fazem parte deste programa e trabalham para que seus valores sejam não só “marca e propaganda”, mas transformem a vivência escolar em um tempo marcante e instigante para o sujeito que levará este legado adiante.

A valorização do outro, da tão puída em nossos tempos cidadania, é um caminho a ser reafirmado e que não só impacta no sujeito em sua vida íntima, como ajuda a redigir textos verdadeiros

que saltam aos olhos dos corretores, como produções que refletem alguém de forma autêntica. Se considerarmos que estes textos são pontos de partida para uma vida e uma profissão, bons textos são marcas de um bom começo. Assim como ter valores que constituirão certa ética, ensinar organização, métodos para estudar, montar agendas significativas e para pesquisar sobre aquilo que não se sabe, bem como uma vida saudável do ponto de vista do corpo, da mente, das relações financeiras.

No tempo e no mundo da informação disponível, que visa ser transparente e acessível, é importante que os sujeitos saibam ser e procurar como se tornar melhores, sem que isso lhes custe a sanidade. Isso pode ser ensinado, ainda mais quando se pensa que o educar (conduzir,

como diria a etimologia da palavra) signifique encaminhar por sendas novas por um tempo e que depois o sujeito siga seu próprio caminho.

Se a família, a escola e a sociedade cercam os mais jovens de valores com os quais sonhamos, pode ser que tenhamos como fruto mais que cultura, mais que pessoas boas, isto é, teremos resultados que impactarão as pessoas individualmente e a sociedade. Em educação, essa busca faz todo o sentido. ●



MICHAEL GONÇALVES DA SILVA
Professor de filosofia do Colégio Marista Arquidiocesano



Trabalhando as competências emocionais

Penso que a maioria das escolas trabalham as competências emocionais na Educação Infantil, porque este eixo está previsto nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI, vol. 2, 1998).

Segundo o RCNEI (1998, vol.2, p.11), é central para o desenvolvimento da identidade e para a conquista da autonomia infantil saber o que é estável e o que é circunstancial em uma pessoa, conhecer suas características e potencialidades e reconhecer seus limites.

A capacidade das crianças de terem confiança em si próprias e o fato de sentirem-se aceitas, ouvidas, cuidadas e amadas, oferece segurança para a formação pessoal e social. A possibilidade de desde muito cedo efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades favorece o desenvolvimento da autoestima, essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes. (RCNEI, 1998, vol.2, p.11)

Desta forma, a construção da identidade e da autonomia está diretamente relacionada ao conhecimento, desenvolvimento e uso dos recursos pessoais para fazer frente às diferentes situações da vida. E através de atividades plane-

jadas pelo professor da educação infantil, é possível desenvolver estas competências emocionais.

É preciso salientar que para desenvolver este trabalho com as crianças, o professor também deve primeiramente ter estas competências desenvolvidas. Ou pelo menos dedicar-se a desenvolvê-las.

As crianças podem criar laços afetivos através das relações sociais, reconhecendo os limites e as possibilidades de cada um e aprendendo a respeitá-los.

O professor de educação infantil deve priorizar os espaços de socialização através de jogos, brincadeiras e conversas entre os estudantes da sala de aula e entre outros pares.

Estas atividades propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. O trabalho educativo pode, assim, criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, idéias, costumes e papéis.

A criança participa, também, de outros universos sociais, como festas populares de sua cidade ou bairro, igreja, feira ou clube, ou seja, pode ter as mais diversas vivências, das quais resultam um repertório de valores, crenças e conhecimentos.

De acordo com o RCNEI (1998), a maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. O modo como os traços particulares de cada criança são recebidos pelo professor, e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua auto-estima, já que sua identidade está em construção.

Nessa faixa etária (até os 5-6 anos), na perspectiva proposta pelo psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), em relação ao juízo moral, a criança encontra-se numa fase denominada de heteronomia, em que as regras e valores provêm de fora, em geral de um adulto a quem ela atribui força e prestígio.

O objetivo é que as crianças se tornem autônomas à medida que vão crescendo e se desenvolvendo. Na moral autônoma, Jean Piaget prevê que

As crianças podem criar laços afetivos através das relações sociais



a maturidade da criança lhe permite compreender que as regras são passíveis de discussão e reformulação, desde que haja acordo entre os elementos do grupo. A criança, então, torna-se capaz de coordenar seus pontos de vista e ações com os de outros, em interações de cooperação.

Para Piaget, a passagem da heteronomia para a autonomia supõe recursos internos (afetivos e cognitivos) e externos (sociais e culturais). Para que as crianças possam aprender a gerenciar suas ações e julgamentos sem utilizar apenas o recurso da simples obediência, desenvolvendo a noção de importância da reciprocidade e da cooperação numa sociedade que se propõe a atender o bem comum, é preciso que exercitem o autogoverno, usufruindo de gradativa independência para agir, tendo condições de escolher e tomar decisões, participando do estabelecimento de regras e sanções.

Assim, é preciso que o professor planeje atividades que oportunizem às crianças dirigir suas próprias ações, tendo em vista seus recursos individuais e os limites inerentes ao ambiente. ●



BIANCA ACAMPORA

Doutora em Ciências da Educação, Pedagogia e Psicopedagoga. Especialista em Dificuldades de Aprendizagem. Autora dos livros "170 Técnicas Arteterapêuticas - modalidades expressivas para diversas áreas" e "Psicopedagogia Clínica - o despertar das potencialidades" (Wak Editora).

Atividades que sugiro serem feitas na sala de aula, para trabalhar competências emocionais nos alunos



1) Crie regras com as suas crianças.

Junto com as crianças crie sanções disciplinares que sejam coerentes e de comum acordo, ou seja, medidas que serão tomadas em caso de comportamento inadequado (previamente conversado e acordado) e que tenham relação com o determinado comportamento;

Sanção disciplinar: deve-se conversar com as crianças dando-lhes oportunidade de elaborar os combinados em conjunto, tendo para cada ação indesejada uma consequência que esteja diretamente ligada à ação inadequada. Por exemplo: a criança bateu no colega de turma. O combinado deve prever que, se um machucar o outro, deverá cuidar dele, ou seja, é uma sanção disciplinar que está diretamente ligada à ação e não desconectada dela.

É muito comum ver professores que deixam seus alunos sem recreio ou sem aula de Educação Física porque eles fizeram bagunça na aula. Isto é uma punição. Educa por meio do medo e da perda. É importante que a consequência da ação esteja ligada ao ato da criança.

Segundo o livro "Eduque sem bater", de minha autoria em co-autoria com Beatriz Acampora, os combinados elaborados em conjunto ajudam as crianças e os adultos, a saber:

- Como identificar e falar sobre seus sentimentos?
- Como falar o que desejam falar?
- Como ouvir com atenção?
- Como pedir ajuda?
- Como fazer e conservar amigos?
- Como lidar com solidão e rejeição?
- Como pedir desculpas?
- Como lidar com ameaças?

- Como resolver conflitos?
- Como lidar com mudanças e perdas, inclusive com a morte?
- Como se adaptar a novas situações?
- Como ajudar os outros?

2) Brincadeiras de roda e jogos cooperativos auxiliam às crianças a desenvolverem a cooperação, o respeito e autonomia.

Ex: Escravos de Jó. Todos juntos sentados em círculo. Cada um deve possuir uma latinha de refrigerante contendo seu nome nela.

Solicitar que ao cantar a música, todos ao mesmo tempo devem passar a sua lata para o colega da direita e pegar a lata que está à sua frente e novamente passar para o colega da direita. Todos devem observar e respeitar o ritmo do colega e auxiliar mutuamente para que o jogo dê certo e todos consigam terminar de cantar a música e a lata com seu nome chegue na sua frente novamente.

Esta atividade desenvolve a atenção, o ritmo, o trabalho cooperativo, o senso de coletividade, a motricidade, a leitura do nome próprio entre outros.





Jogo da asfixia, “brincadeiras” que matam

As famílias, já naturalmente preocupadas com a segurança dos filhos, agora se deparam com mais um sinal de alerta que põe em risco a vida de crianças e adolescentes. Trata-se do jogo da asfixia, também chamado desafio do desmaio, que pode causar graves sequelas à saúde e a irremediável morte de jovens que poderiam ter um futuro brilhante. Uma “brincadeira” que matou o brasileiro Isaque, de apenas 16 anos, encontrado morto por sua mãe – enforcado com um cinto. Ocorrido nos Estados Unidos, é um dos casos que demonstram que as brincadeiras atuais fogem da recreação e estão além do pular corda e esconde-esconde.

A verdade é que a vítima, infelizmente, não é apenas o jovem e sim toda a família que seguirá a vida com a marca de um desafio mortal. Com bravura e amor, os entes familiares de Isaque se mobilizam para trazer ao público mais informações sobre o tema, para evitar que outros pais e mães chorem a morte precoce de jovens. E, pior, o mal uso da internet e das redes sociais servem como catalisador para que a prática se alastre mundo a fora, inclusive no Brasil, onde já se registram mortes por conta do choking game.

A palavra desafio tem de ser um sinal de alerta para pais e professores. As

brincadeiras perigosas são realizadas na maior parte das vezes por meninos, de 13 a 19 anos de idade. A busca de uma suposta mistura de euforia e prazer é feita pelos jovens como forma de desafio, de ruptura de fronteiras, visto que a maioria deles desconhecem as consequências e as sequelas daqueles que sobrevivem aos jogos mortais.

Além da morte, as brincadeiras perigosas acarretam em sequelas como cegueira – permanente ou temporária, convulsões, epilepsia, parada cardiorrespiratória, paraplegia e, até mesmo, incontinência para urinar e evacuar. Por isso, os pais devem estar atentos aos sinais que poderão indicar que o filho participa destes tipos de jogos mortais, como dores de cabeça frequentes, sinais de vermelhidão e marcas no pescoço, irritabilidade diária ou frequente, bem como olhos vermelhos.

A medida preventiva mais imediata é monitorar constantemente o que os filhos fazem na internet, até para conhecer melhor seus pensamentos, expressões, amigos e quais práticas aderem. Monitoramento não é invasão de privacidade; monitoramento é atenção constante não apenas no ambiente virtual, mas nos detalhes do convívio cotidiano. O diálogo e a observação constante tra-

zem importantes dados e informações aos pais que poderão apurar, de forma preventiva, se o filho participa de brincadeiras perigosas, se é agressor/vítima de ataques físicos ou virtuais ou ainda, evitar que os jovens se envolvam com pedófilos, criminosos ou traficantes nos aplicativos de comunicação instantânea ou na Dark Web.

Se o tema em pauta é um jogo, é cabível lançar aos pais um desafio: CHEGA DE MIMIMI! O desafio é tratar o jovem como um ser humano pensante e não como um bibelô de cristal. Precisamos de mais diálogo olho no olho, mais NÃOs, mais vigilância. O adolescente é inteligente o bastante para compreender as sequelas das brincadeiras perigosas e o adulto precisa de inteligência emocional para transmitir as informações de forma correta, precisa e sem rodeios. O medo de traumatizar a criança pode ser a causa de um enterro precoce. ●



ANA PAULA SIQUEIRA LAZZARESCHI DE MESQUITA

Advogada e sócia do SLM Advogados, membro da Comissão de Direito Digital e Compliance da OAB-SP e idealizadora do Programa Proteja-se dos

Prejuízos do Cyberbullying. A profissional colabora voluntariamente com o Instituto GRPCOM no blog Educação e Mídia.

FAÇA COMO CENTENAS DE ESCOLAS. **DEIXE A GESTÃO DE CUSTOS, FINANCEIRA, ORÇAMENTÁRIA E TRIBUTÁRIA, COM OS ESPECIALISTAS MAIS PREMIADOS* DO BRASIL.**

■ **FÓRMULA DA ESCOLA DE SUCESSO:**

- **INFORMAÇÃO**
- **CRIATIVIDADE**
- **RECURSOS**
- **CORAGEM**

AUXILIAMOS NAS DUAS
**PRIMEIRAS PARA OBTER
A TERCEIRA.
CORAGEM NUNCA FALTA.**

* **Acerplan:** A Consultoria Educacional mais lembrada no Top Prêmio Educação em 2012, 2013, 2014, 2016 e 2017.

ACERPLAN CONSULTORIA EDUCACIONAL
ESTRATÉGIAS INOVADORAS PARA SUPERAR DESAFIOS
EM AMBIENTE HIPERCOMPETITIVO.

acerplan
consultoria & assessoria
educacional

WWW.ACERPLAN.COM.BR

ACERPLAN@ACERPLAN.COM.BR

(11) 2987 1407 / 4307 1815 / 4307 1762

(11) 9 48695971



MARK@UNIFORMES 10 ANOS

UNIFORMES PERSONALIZADOS

- ESCOLARES
- PROFISSIONAIS
- ESPORTIVOS

Sede Própria

Mark@Uniformes

Brevêdo Informatizado

Contato: (11) 2010-7369 / 2015-1243
www.markuniformes.com.br - marka@markuniformes.com.br

Avaliação Neuropsicológica

Thais de A. Spessotto Dumas
Psicóloga | Neuropsicóloga
CRP: 06 116653

+55 11 97089 6413
thais@spessottodumas.com

ESCOLA PARTICULAR

AUTISMO

Interação social é o melhor tratamento

MKS saving SOLUÇÕES EMPRESARIAIS

ENERGIA FOTOVOLTAICA SEJA A TRANSFORMAÇÃO

Visite nosso site: WWW.MKSAVING.COM
Contatos: miranda@mksaving.com
ricardo.koiti@mksaving.com

BACOLLI SOLUÇÕES

A Bacolli, tem a solução para o sucesso do seu negócio, de forma rápida e eficiente e de baixo custo.

A Bacolli Soluções elabora em conjunto com o cliente uma estratégia adequada de cobrança, respeitando os padrões da instituição:

- A remuneração é estabelecida de acordo com os resultados obtidos;
- A instituição ganha controle efetivo dos níveis de inadimplência;
- A escola evita litígios com relação ao aluno, evitando um possível aumento do evasão escolar;
- A atuação tem lugar nos termos da legislação educacional, civil, das leis federais e das leis estaduais;
- Redução dos custos fixos da instituição, pela redução dos custos operacionais dos professores envolvidos na administração da inadimplência;
- Fomentação de localização;
- Segurança e garantia para a instituição, por meio do controle detalhado de sua carteira de débitos, através de relatórios diários, semanais ou mensais, além de auditorias;
- Resultados garantidos pelo uso de um modelo de gestão já comprovado;
- A escola se envolve apenas com o gestão dos débitos enviados;

(11) 3033-3197
bacolisolucoes@gmail.com

ANUNCIE!

11 5583-5500
comercial@sieesp.com.br

O Departamento de Cursos do Sieesp promove atividades de temas atuais e de interesse do educador.

Não perca essa oportunidade de aprimorar seu currículo e desenvolver seu conhecimento.

Informações e inscrições: (11) 5583-5555 / 5583-5500

sieesp

AGENDA DE OBRIGAÇÕES		• ABRIL DE 2018 •	
• 06/04/2018	SALÁRIOS - ref. 03/2018 E-Social (Doméstica) - ref. 03/2018 FGTS - ref. 03/2018 CAGED - ref. 03/2018	• 20/04/2018	INSS (Empresa) - ref. 03/2018 PIS - Folha de Pagamentos - ref. 03/2018 SIMPLES NACIONAL - ref. 03/2018
• 10/04/2018	ISS (Capital) - ref. 03/2018	• 23/04/2018	COFINS - Faturamento - ref. 03/2018 PIS - Faturamento - ref. 03/2018
• 13/04/2018	EFD - Contribuições - ref. 02/2018	• 27/04/2018	IRPJ - (Mensal) - ref. 03/2018 CSLL - (Mensal) - ref. 03/2018

Dados fornecidos pela HELP - Administração e Contabilidade • helpescola@helpescola.com.br • (11) 3399-5546 / 3399-4385



VAMOS
aprender
DE UM JEITO
DIFERENTE?

Em cada brincadeira se adquire uma habilidade diferente. É assim que o **Sistema Positivo de Ensino** desenvolve a sua metodologia. Com foco nas descobertas e na curiosidade, é brincando e interagindo que os alunos criam o gosto pelo aprendizado e formam a base para os bons resultados do futuro.



SISTEMA DE ENSINO
POSITIVO



CURSOS PRESENCIAIS DE CURTA DURAÇÃO

CÓD.	DATA	TURNO	CURSO	PALESTRANTE
5421	2 e 3	N	EDIÇÃO DE VÍDEOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO	CARLOS SANCHES
5423	3	M	RECEPÇÃO E ATENDIMENTO TELEFÔNICO NAS EMPRESAS	WELLINGTON ALVES RODRIGUES
5424	4	M	ERA UMA VEZ... CONTAR E OUVIR HISTÓRIAS NO CONTEXTO PEDAGÓGICO E EMOCIONAL	PAULA FURTADO
5425	4	T	"O ALUNO E O PROFESSOR NOS NOVOS TEMPOS" (EDUCAÇÃO 4.0) - (GESTORES)	ANTÔNIO FRANCISCO DOS SANTOS
5426	4	N	"O ALUNO E O PROFESSOR NOS NOVOS TEMPOS" (EDUCAÇÃO 4.0) - (PROFESSORES)	ANTÔNIO FRANCISCO DOS SANTOS
5427	4	N	BRINCANDO COM NÚMEROS	EDSON MESSIAS SANTOS
5428	5	M e T	ATENDIMENTO EM SECRETÁRIA	EMÍLIA GUAN
5429	5	N	COMO TRABALHAR A PSICOMOTRICIDADE E A ALFABETIZAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR	ARIMARY ALENCAR BOCCOLI
5431	6 e 13	N	MATEMÁTICA PARA O PENSAR: CÁLCULO MENTAL	ROBSON A. DOS SANTOS
5432	7 SÁBADO	M	MUSICALIZAÇÃO PARA BEBÊS	ELIANE GUEDES FERREIRA CARVALHAL
5433	9	N	OFICINA SOBRE MEDIAÇÃO DE LEITURA + FOTOGRAFIA	IRENE MITSUE TANABE
5434	10	T	O DESENHO INFANTIL E SUAS SIMBOLOGIAS	NANCY RABELLO
5435	10 e 12	N	ALFABETIZANDO ATRAVÉS DA POESIA	REBECA GELSE RODRIGUES
5436	11	N	FALTA DE ATENÇÃO E DE MOTIVAÇÃO - A INFLUÊNCIA DOS ESTILOS COGNITIVO - AFETIVOS NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM	ÁUREA FERNANDES
5437	12	M	TORNE SEUS PROFESSORES ALIADOS	DANILO PASTORELLI
5438	12	N	OFICINA PRITT	VIVIANE E MAYARA
5439	13	T	MAPAS CONCEITUAIS	ROBSON A. DOS SANTOS
5441	14 SÁBADO	M	TORNE-SE UM PROFESSOR INDISPENSÁVEL	DANILO PASTORELLI
5442	16 e 18	N	MÉTODOS DE AVALIAÇÃO	CESAR AUGUSTO VIEIRA
5443	17	N	METODOLOGIA ATIVAS: PBL (RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS)	ANA CAROLINA CALDAS JORDAN
5444	17	N	PRÁTICAS FACILITADORAS NO PROCESSO AVALIATIVO PERANTE OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM (DISLEXIA, DISCALCULIA, DISGRAFIA, TDAH)	FABIOLA DOBRILLOVICH RODRIGUES
5445	19	T	"PRINCIPAIS QUEIXA ESCOLARES QUE INCLUEM DIFICULDADES DE DESENVOLVIMENTO"	MAGDA ZURBA
5446	19	N	"PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO PARA EDUCADORES"	MAGDA ZURBA
5447	20	M	A NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM COM ENFOQUE NA ATENÇÃO E FUNÇÃO EXECUTIVAS	FABIOLA DOBRILLOVICH RODRIGUES
5448	20	N	EIXOS CURRICULARES PARA TRABALHO COM CRIANÇAS DE 0 a 2 ANOS - BERÇARISTA	JONATHAS CESAR MULLER
5449	23 E 24	N	A IMPORTÂNCIA DAS MÚSICAS, DAS BRINCADEIRAS E DOS JOGOS NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO	GABRIELA MANZANO GERALDINI ANTONANGEL
5451	24	M e T	A SECRETÁRIA E SUA ATUAÇÃO NA GESTÃO ESCOLAR	WELLINGTON ALVES RODRIGUES
5452	26	N	PRODUÇÃO DE VÍDEOS: PROJETO	CARLOS SANCHES
5453	27	N	UM OLHAR SENSÍVEL NA DOCÊNCIA DE BEBÊS: DIÁLOGOS COM A ABORDAGEM PIKLER.	JONATHAS CESAR MULLER
5454	28 SÁBADO	M	DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA E REGISTRO - EXERCITANDO O OLHAR DO EDUCADOR PARA REFLETIR SUA PRÁTICA EDUCATIVA	JONATHAS CESAR MULLER

Confirmar a presença sempre com antecedência.

CURSOS PRESENCIAIS MODULARES

CÓD.	QTDE. MÓDULOS	TURNO	CURSO	PALESTRANTE
5455	II	N	PROFA - CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES Mód. I - 25 abr / Mód. II - 23 mai / Mód. III - 06 jun	DIVANI ALBUQUERQUE NUNES

Valores diferenciados. Entre em contato com o Depto. de Cursos para informações

LEGENDA

M = manhã (8h às 12h) / T = tarde (13h30 às 17h30) / N = noite (18h às 21h30)

LOCAL: SEDE DO SIEESP - Rua Benedito Fernandes, 107 - SANTO AMARO - SÃO PAULO/SP

Informações e Inscrições: (11) 5583-5500

CURSOS ONLINE - EAD

CURSO	PALESTRANTE
FORMAÇÃO EM SECRETARIA ESCOLAR - INSCRIÇÕES => http://www.attamidia.com.br/ead-secretaria.php	CLAUDIA MARIA DE OLIVERA
TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM - INSCRIÇÕES => http://www.attamidia.com.br/ead-transornos.php	NADIA BOSSA
EDUCAÇÃO PELA PESQUISA - INSCRIÇÕES => http://www.attamidia.com.br/ead-educacaoapesquisa.php	PEDRO DEMO
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA - INSCRIÇÕES => http://www.attamidia.com.br/ead-educacaocientifica.php	MARCOS PIRES LEODORO
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR - INSCRIÇÕES => http://www.attamidia.com.br/ead-avaliacao.php	CIPRIANO LUCKESI

Cantinas do Tio Julio

**ADMINISTRADORA DE CANTINAS E REFEITÓRIOS
DA REDE PARTICULAR DE ENSINO EM TODO O BRASIL**



NAVEGUEM EM:

www.facebook.com/cantinas.tiojulio
www.cantinasdotiojulio.com.br

SOLICITE A SUA AMIZADE EM:

www.facebook.com/juliocesar.salles.3192

REALIZE OS SEUS CONTATOS ATRAVÉS DO E-MAIL:

cantinasdotiojulio@gmail.com ou [@ig.com.br](https://www.instagram.com/cantinasdotiojulio)

OBS: Devido atuarmos em todo o Brasil, nossos contatos são realizados somente através dos e-mails citados acima, sendo todos respondidos no mesmo dia e no mínimo uma vez pela manhã, tarde ou no fim do expediente do mesmo dia.



MUITO MAIS QUE CONTABILIDADE.

Soluções completas para sua Instituição de Ensino.

Com pontualidade e competência, a Meira Fernandes oferece a sua instituição, suporte e assistência completos em todos os processos da área trabalhista e previdenciária.

Alguns diferenciais:

- Profissionais altamente qualificados e especializados em eSocial;
- Rapidez e segurança em processos como: Admissão, Férias, Demissão, Dissídio Coletivo e Folha de Pagamento;
- Melhor atendimento na solução de intimações e fiscalizações;
- Envio de Orientações Preventivas sobre legislação, tendência de mercado e oportunidades legais / fiscais em tempo real.

A experiência adquirida ao longo dos anos no segmento educacional levou a Meira Fernandes a criar um dos melhores sistemas de Folha de Pagamento do mercado, sendo 100% parametrizado, totalmente preparado para o eSocial e homologado pelo SINPRO SP.

A credibilidade que você procura com a qualidade que você precisa.



Gestão e Soluções
para Instituições de Ensino

www.meirafernandes.com.br
comercial@meirafernandes.com.br

11 3513-5000

 meirafernandesoficial